



ELIZABETH BEZERRA

ANO NOVO, *Rock*





ANO NOVO,
Rock

ANO NOVO,
Rock

Um conto de Elizabeth Bezerra

Copyright © 2018 Elizabeth Bezerra

Título: Ano Novo, Rock

Capa: Elizabeth Bezerra

Revisão: Lucilene Vieira

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação das autoras. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito das autoras.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Agradecimentos

Esse conto não seria possível sem duas pessoas importantes. Ana Rascado, que foi minha consultora musical. Garota, você é Rock. E Lucilene Vieira, por atender meus pedidos mais impossíveis. *I love you!*

E sem esquecer você, meu leitor, que está sempre comigo.

Sinopse

Annabelle Harrison encontra-se em uma situação muito difícil. Semanas antes das comemorações de Natal e Ano Novo, foi despejada do apartamento que dividia com sua colega de faculdade. Se viu sozinha e perdida em Los Angeles, onde havia ido estudar moda.

É quando seu melhor amigo, Noah Bell, e seu namorado, Tom, que estão prestes a sair em uma viagem romântica, oferecem o flat deles para que Annabelle possa ficar até eles retornarem e encontrarem para ela um novo lugar para viver. Tudo parecia perfeito, até...

Ethan Bell se considera um pouco “lobo solitário”, a música e a banda em que canta são sua maior companhia. Ele percorre o país tocando, cantando e mostrando ao mundo sua arte. Em uma viagem de trabalho a Los Angeles, decide visitar o irmão mais novo, a quem não via há mais de um ano, e seu companheiro. Além de, claro, poder ficar um tempo no flat de Noah, isso o ajudaria a economizar um pouco em hospedagem, já que sua banda, The Demon's, ainda não faz tanto sucesso assim. O que Ethan não sabia era que Los Angeles nessa época do ano é ainda mais intrigante, proporcionando a ele uma surpresa incrível.

Luz, música, ação e um *Feliz Ano Novo!*

Playlist

Siga a Playlist do Conto AnoNovo, Rock no [Spotify](#) ou no [YouTube](#).

Livin' on a Prayer – Jon Bovi

Back in Black - AC/DC

Never Tear Us Apart – INXS

Eye of the Tiger – Survivor

Always – Bon Jovi

Jingle Bells– Gwen Stefani

Everything I Do – Bryan Adams

Rock You Like A Hurricane – Scorpions

Sweet Child O' Mine – Guns N' Roses

Índice

[Agradecimentos](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Livin' on a Prayer](#)

[Don't Stop Believin'](#)

[Back in Black](#)

[Never Tear Us Apart](#)

[Eye Of The Tiger](#)

[Always](#)

[Jingle Bells](#)

[Everything I Do](#)

[Rock You Like A Hurricane](#)

[Sweet Child O' Mine](#)

[Nota da autora](#)

[Disclaimer](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Nota](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

Livin' on a Prayer

Annabelle

Maldita Sorte!

Sorte pode significar destino, fado, ou um acontecimento casual, que pode ser bom ou mau. A palavra sorte pode ter significados diferentes, usados em contextos diversos. Eu sempre pude contar com a “Maldita Sorte”, que é quando uma pessoa passa por uma experiência desagradável. No meu caso, várias.

Bom, eu fui fruto de uma noite louca de Ano Novo, por isso não tenho a menor ideia de quem seja ou por onde anda o meu pai. E quando eu tinha quatro anos, Alice Harrison teve a brilhante ideia de que o melhor lugar do mundo para se viver era o Alasca, onde ela passou os últimos 15 anos trabalhando como gerente de uma lanchonete.

Eu fui feliz no Alasca, até os meus 14 anos, que foi quando descobrimos que minha mãe tinha uma doença incurável e só a teríamos por mais dois anos, que acabou se prolongando por três. Alice Harrison não era uma mulher que se dobrava facilmente, dizia ela. E só partiria quando ela se sentisse pronta, ou sentisse que estava pronta.

Mamãe vendeu nossa pequena casa no Alasca para ajudar a pagar seu tratamento e nós fomos morar com sua irmã, a tia Simone, em Atlanta. Após a morte de mamãe, eu juntei cada centavo que havia sobrado da venda da nossa casa e parti para Los Angeles, para estudar Moda.

“Faça algo grande de sua vida, Belle”, foi a frase preferida da minha mãe para mim, até seu último dia de vida. Então, alguns meses após a sua morte, eu me vi sozinha em Los Angeles, com o intuito de fazer algo grande em minha vida.

O problema é que ela, A Maldita Sorte, decidiu que deveria me acompanhar, não importava para qual canto do mundo eu fosse. Começando com a perda da vaga no campus da faculdade, pois as vagas eram limitadas e eu enviei meu formulário tarde demais, ao invés de ter enviado o e-mail, de alguma forma que não sei explicar, ele tinha parado na pasta de rascunho, algo que eu nunca me lembrava de olhar.

Encontrar um apartamento dentro dos meus recursos não foi algo nada fácil, no fim, acabei dividindo um apartamento com uma aluna da minha sala, chamada Sidney. A garota é meio mística e eu penso que ela faz magia negra. É

de longe a pessoa mais esquentada que já conheci na vida. Admito, sem qualquer constrangimento, que seus olhos castanho-escuros, sempre chispando fogos por onde ela passa, me assustam pra caramba, então, sempre procuro evitá-la.

Mas a Sorte, bom, A Maldita Sorte, continua firme e forte sobre minhas costas, como aquele espírito no filme tailandês, *"A morte está ao seu lado."* Syd, como ela gosta de ser chamada, tem um namorado, o Shaw, ele é capitão do time de futebol americano, na USC. É o cara mais convencido, seguro de si e galinha que já tive o desprazer de colocar os olhos. Shaw sempre vem ao apartamento ver Syd e para transar com ela, e nos momentos vagos, seu passatempo favorito é me paquerar. Não preciso dizer que para mim, despertar o interesse de Shaw não era nada bom, por isso, tentava evitá-lo. Sempre que ouvia sua voz pelo corredor, trancava-me em meu quarto.

A tática durou um semestre completo, mas parece que minhas fugas estratégicas em evitá-lo apenas acenderam dentro dele o instinto de caçador. E nem sempre era fácil evitar esbarrar em Shaw, principalmente quando Syd dizia que ele não viria ao apartamento e eu esbarrava com ele na cozinha, ou na sala, quando levantava de madrugada para buscar água gelada ou ir ao banheiro.

Então as investidas de Shaw sobre mim começaram a passar do apartamento que dividia com sua namorada e foram para qualquer lugar que estivéssemos. Na faculdade, em saídas para barzinhos ou festas, e até mesmo quando nos esbarrávamos pela cidade.

Até poderia culpar A Maldita Sorte pelo o que aconteceu essa tarde, mas, dessa vez, vou poupar minha velha amiga e atribuir o meu grande infortúnio do momento ao cretino do Shaw. O relacionamento deles não vinha passando por uma boa fase, devido às recorrentes traições dele. Que Syd sempre perdoava, pois Shaw, de alguma forma, conseguia convencê-la que tudo era culpa das garotas, tietes obcecadas por jogadores de futebol, que o assediavam.

Eu não era nem uma coisa, nem outra. Mas isso não impediu que Shaw colocasse seus olhos de águia sobre mim. E foi nessa tarde, ao voltar das compras de Natal, após escolher finalmente o presente que enviaria à minha tia Simone, que fui encurralada por Shaw ao entrar na casa.

Minhas mãos estavam ocupadas com a chave do apartamento e as sacolas de compras, mas não foi isso que me impediu de bloquear o ataque de Shaw sobre mim, foi a surpresa. Então, com o beijo que nunca desejei, A Maldita Sorte estava pesando sobre os meus ombros outra vez.

Annabelle!

O grito colérico de Syd, quando me flagrou beijando seu namorado, ainda

ecoava em minha cabeça sempre que eu fechava os olhos. Shaw usou a mesma desculpa de que a culpa era da garota, nesse caso, eu, e que eu sempre havia dado em cima dele, que sempre tentou me evitar, até hoje, quando o ataquei.

Além de Shaw, eu fui vítima das mãos furiosas de Sidney em meus cabelos e suas unhas afiadas. E se isso não fosse o bastante, fui expulsa do apartamento, tendo as minhas coisas jogadas pela janela do terceiro andar.

— Ainda não consigo acreditar que a vaca da Sidney a expulsou do apartamento, três dias antes do Natal! — disse Noah, exasperado, buscando minha mão sobre a mesa do café onde foi me encontrar, logo após ter ligado para ele.

Noah Bell e seu namorado, Tom Reed, foram os primeiros amigos que fiz na cidade. Eles também estudavam moda e nossa amizade foi quase que instantânea. Eu tive um pouquinho de sorte, dessa vez boa, por ainda tê-los na cidade. Nessa época do ano, a maioria dos alunos está viajando de férias ou foi rever as famílias. Só me restava Noah e Tom a quem pedir ajuda. Eu tinha gasto uma grande parte do dinheiro que me sobrou para pagar os seis meses seguintes de aluguel a Sidney, e o plano era arranjar um emprego de meio período no ano seguinte, para continuar estudando e vivendo em Los Angeles. Encontrar um lugar a essa altura iria levar todo o restante das minhas economias.

— Eu não sei o que fazer, Noah — meus olhos começaram a ficar marejados — Depois que parti, tia Simone decidiu vender o apartamento dela e está vivendo em uma casa de repouso, ela disse que só viu como era ficar sozinha depois que eu e minha mãe deixamos a casa dela.

— Pobrezinha — pelo olhar que Tom me dava, ele se referia a mim, e não à tia Simone.

— E ela nem está lá agora — engoli o choro ao falar e sequei minha lágrima com o papel toalha — Foi a um cruzeiro da terceira idade.

De qualquer forma, ter que ir a Atlanta e depois ter que retornar para o início das aulas geraria um gasto desnecessário.

— Eu sei que vocês estão muito ocupados com a viagem romântica de vocês — olhei para cada um deles com cara de gatinho perdido — Mas será que não conhecem alguém que esteja com uma vaga por aí?

Eu nem ousaria sugerir isso a eles, os dois dividiam um flat de quarto, sala e cozinha. Já era pequeno o suficiente para o casal, uma terceira pessoa estava fora de cogitação.

Observei, apreensiva, enquanto eles olhavam um para o outro e uniam suas

mãos.

— Nessa época do ano, querida? — Noah sorriu, gentil, para não fazer morrer totalmente minhas expectativas — É bem complicado.

— Entendo — sussurrei, brincando com o lenço de papel em minhas mãos — Vou ficar em um motel até que eu consiga resolver isso. Talvez abra vaga no alojamento estudantil ano que vem.

*We've got to hold on to what we've got
'Cause it doesn't make a difference if we make it or not*^[1]

Tom cantou um pedaço de *Livin' on a Prayer*, de Bon Jon, para mim, e Noah o ajudou a finalizar o verso.

— Eu tive uma ideia — disse Noah, batendo as mãos como uma foca — Você! — Ele apontou em minha direção: — Fica no flat.

— Ah, não... — comecei a dizer.

Eu realmente não queria passar essa impressão a eles, que estivesse sugerindo algo como isso. O que realmente pensei, sem culpa, é que três poderiam buscar um novo lugar para que eu pudesse morar em breve.

— Nada de não, meu docinho — interrompeu Tom — O Noah tem razão. Vamos viajar, e o flat ficará vazio por duas semanas. Enquanto isso, falaremos com *todos* os nossos contatos. De jeito algum a deixaremos ficar sozinha em um quarto de motel, nessa época do ano.

Para eles já era solitário e ruim demais que eu tivesse optado em ficar no apartamento que dividia com Sidney, enquanto ela partia para ver a família, amanhã à noite.

— Nesse caso — disse, abrindo o primeiro sorriso desde que cheguei chorando ao café — Eu vou aceitar.

Ter um teto seguro pelas próximas duas semanas era o que eu mais desejava. Talvez A Maldita Sorte gostasse de me perseguir, mas havia alguém no céu que lhe dava um belo pontapé na bunda.

“Obrigada, mãe”, disse, olhando para o teto, sentindo meu sorriso aumentar.

Don't Stop Believin'

Ethan

Toc! Toc! Toc!

Um. Dois. Três. Vai.

*Just a small town girl
Livin' in a lonely world^[2]*

Após o último toque das bateras, minha voz ecoou no microfone, fazendo a plateia no bar onde tocávamos explodir, me ajudando a cantar *Don't Stop Believin'*, do Journey. Essa música encerraria nosso show em Detroit, no estado de Michigan.

Foram nove meses percorrendo os Estados Unidos de ponta a ponta, e era última parada da banda onde sou guitarrista e vocalista. Além de mim há mais três integrantes: Dylan na bateria, Bob no baixo e Smith na segunda guitarra e às vezes nos vocais. Juntos somos os *The Demon's*, banda de rock que nos últimos 5 meses vem chamando a atenção de Zoe Clark, uma produtora e empresária musical em ascensão.

Ela tinha conseguido colocar sua primeira descoberta musical, um cantor de rock que havia vencido um reality show musical, chamado *A Escolha*, nas paradas de sucesso, no ano passado, e após assistir *The Demon's* tocar em um festival em São Francisco, disse ver o mesmo destino para a gente. A banda estava empolgada por, finalmente, ter alguém importante acreditando no nosso potencial. O problema é que Zoe está interessada em algo a mais comigo, além dos nos agenciar, e pelo bem do grupo, tenho passado o último mês tentando deixar claro, mas de uma forma que não nos prejudique, que eu não desejava uma relação além da profissional.

Com trinta e dois anos, nove a mais do que eu e em um corpo escultural, ela acredita que qualquer homem que ela pisque os cílios mais de uma vez irá rastejar aos seus pés. Isso porque algo assim realmente acontece. Primeiro porque ela é bonita, e depois por ser filha e herdeira de um grande produtor musical. Qualquer cara da minha banda desejaria estar em meu lugar, mas eu não estou interessado.

Comigo é uma fodida no camarim após um show e vamos para a próxima parada. Além disso, qualquer pessoa minimamente inteligente sabe que misturar

sexo com negócios nunca dá certo. Então Zoe terá que se contentar em ser apenas nossa manager e nada mais.

— Ah, Ethan — a jovem que estive paquerando do palco a noite toda e tomado alguns drinques nas pausas pulou em meu colo assim que abri a porta do camarim para ela — Você tem a voz tão sexy. Você é uma combinação sexy de Bon Jovi com Steve Tyler.

Apenas sorri. Já ouvi isso muitas vezes. Outras diziam que eu era uma mesclagem entre Bon Jovi e Bruce Springsteen. Há outras variações, mas normalmente acabo entre essas duas. Não que eu me incomode. Ser comparado com essas lendas do rock é uma honra.

— Cante algo no meu ouvido — implorou a garota, em uma voz melodiosa.

Presenteei-a com um sorriso de lado, que também sempre me disseram ser meu melhor sorriso sexy, e a deitei sobre a mesa do camarim.

— Minha voz era para o palco — murmurei, abrindo os joelhos dela — No sexo eu só quero foder, baby.

Os shows para mim sempre eram diferentes, o público diferente, embora não variássemos muito as músicas covers que tocávamos. Mas os fins de noite pareciam sempre iguais. Os caras sumiam com algumas garotas e eu parava no camarim fodendo uma fã, antes de ir para o hotel compor alguma música, sozinho.

— Ah, Ethan! — ela gritou quando soquei fundo e duro dentro dela.

~ ~ ~

De Michigan fui para Nova Iorque, me encontrar com Zoe, e de lá, após cinco horas de voo e outros longos minutos dentro de um táxi, finalmente cheguei a Los Angeles, arrastando minhas malas do elevador ao flat de Noah. Estive aqui no ano anterior, quando ele e Tom se mudaram para cursar moda juntos.

Noah é meu único irmão. Apesar de vivermos mais afastados do que juntos, somos tudo um para o outro, foi assim desde criança. Éramos considerados diferentes pelo nosso pai intransigente e autoritário. Meu irmão por ser como é, e eu por amar a música.

Discuti com meu pai e apanhei muitas vezes para proteger Noah de seus surtos de raiva, e ele levou muitos tapas na cara por encobrir minhas escapadas de madrugada para fazer show. Então, Noah passou a fingir o que não era para agradar nosso pai até sua partida para a faculdade, e eu fui expulso de casa aos 17 anos.

E no meio dessa guerra, briga e confusão familiar, estava nossa mãe com quem eu falava apenas por telefone e e-mails desde que saí de casa. Acho que ela tem medo do meu pai, ou acredita que não conseguirá enfrentar o mundo sem ele, como ele mesmo costumava dizer, sempre que ela dava algum sinal de que iria enfrentá-lo em seus surtos de raiva.

Empurrei com o pé o vaso de flor e encontrei a chave reserva exatamente onde Noah avisou por e-mail que deixaria. Ele tinha programado uma viagem com Tom para a Europa, e se tudo tiver ocorrido como me disse na última vez que nos falamos, ele deveria estar no avião a uma hora dessas. Mas eu ficava aliviado que ele tivesse se lembrado de deixar a chave no lugar de sempre, pois eu não havia confirmado se viria a Los Angeles, ou não. A banda estava esperando a confirmação do contratante indeciso.

Abri a porta, e o flat escuro me recebeu. Eu sou do tipo que não consegue dormir em aviões, não importa quantas horas de voo tenha, por isso eu estava exausto. Joguei a mala no chão, que caiu como um baque, chutando-a para frente, e coloquei meu violão escorado na parede. Meus dedos deslizaram pelas cordas que emitiram algumas notas desafinadas.

Além do cansaço, estava com sede. Eu me arrastei em direção à cozinha, no escuro mesmo, e esbravejei quando minha canela bateu em algo, o derrubando. Tateava a parede em busca do interruptor de luz, quando senti uma presença às minhas costas.

Virei-me lentamente, ainda tateando a parede. A figura na penumbra não era mais alta que eu, na verdade, a cabeça deveria chegar ao meu queixo, mas não quer dizer muito, sou um homem alto. Também tinha a compleição física mais mirrada que a minha. Eu não era um bombado de academia, mas me exercitava e corria sempre que podia, hábito adquirido com meu pai, a única coisa boa que ele nos ensinou, a cuidar do nosso corpo.

Apesar de ter vantagem física sobre o invasor na penumbra, ele estava armado. Eu precisava pensar muito rápido, então a primeira coisa que fiz ao vê-lo caminhar até mim foi acender a luz.

— O quê? — esbravejei de surpresa — Quem é você?

Mas que porra é essa?

Back in Black

Annabelle

Eu quis acompanhar os garotos até o aeroporto, mas eles garantiram que não seria necessário. Embora eu pretendesse ficar pouco tempo no flat, tinha as minhas coisas para organizar, visto que passamos o restante da tarde anterior, após ter trazido minhas malas, verificando os detalhes finais da viagem deles e conversando a noite toda, até que nossos olhos exigissem descanso.

E aproveitei que estava usufruindo da gentil hospitalidade deles para realizar uma bela faxina no flat. Até que, para dois homens, o local era bem limpo. Noah é mais organizado, mas Tom é um típico bagunceiro. Encontrei suas meias e outros objetos perdidos em vários lugares.

Também fui ao mercado para abastecer a geladeira e a despensa. Eu passaria o Natal no dia seguinte sozinha, mas isso não queria dizer que meu jantar teria que ser a base de leite e suco de laranja. E eu queria cozinhar algo especial para quando os rapazes estivessem de volta.

Eles viajaram muito preocupados comigo, aqui sozinha, no flat. Busquei com todas as forças convencê-los que estava tudo bem. O mesmo aconteceria se ainda estivesse no apartamento de Sidney.

O Natal era uma data para passar com a família e as pessoas que se ama, mas eu também via como um dia especial para refletir e, sem dúvida, tinha muito o que pensar. Além disso, eu tinha feito uma ótima programação durante esse período de festas. Faria uma maratona de todos os filmes de Natal disponíveis na Netflix e finalizaria todos os romances que mantenho inacabados na cabeceira, desde que ingressei na faculdade.

Não seria solitário só porque as pessoas achavam assim. Eu era feliz e estava feliz com minha própria companhia.

Às sete horas, eu tinha o flat todo organizado, limpo e cheirando a pinhos de Natal. Até mesmo coloquei uma guirlanda na porta, que comprei no meu caminho ao mercado. Depois de me sentir satisfeita com meu bom trabalho, coloquei a minha playlist com músicas do AC/DC para tocar e fui tomar um banho relaxante. Vesti a minha camisola confortável do Mickey Fantasy, joguei-me no sofá em frente à TV, e com Grinch passando na tela, um balde de pipoca sobre meu colo, pacotes de M&M ao meu lado e outras guloseimas, dei início às minhas festividades.

~ ~ ~

Piscava, tentando manter meus olhos abertos enquanto os créditos de Mary Poppins finalizavam. Decidi que era hora de ir para a cama, aproveitar que ainda poderia ter uma até os rapazes voltarem.

Como na maioria dos casos, em que se perde o sono ao ir de um lugar para o outro, não foi diferente comigo, então peguei um dos meus livros para ler. Estava no segundo capítulo de *Emma*, de Jane Austen, quando o sono voltou a bater. Não que o livro fosse ruim, eu sou apaixonada pela Srt^a Austen, mas, minhas últimas horas que tinham sido exaustivas.

Estava praticamente entregue ao deus do sono, quando ouvi um barulho vindo da sala, seguido de outros ruídos. Eu não soube de qualquer sinal de roedores com Noah e eles também não tinham animais.

Sentei na cama, assustada. Será que eu havia trancado a porta?, me perguntei, levando minha mão trêmula à garganta. Fiz uma varredura mental: não apenas tranquei a porta, como verifiquei três vezes se estava trancada. Alguém estava invadindo o flat, e eu precisava agir rápido.

Droga!

Eu tinha esquecido meu celular na mesinha da sala. Acendi a luz do abajur, esperava que o invasor não notasse a claridade vindo no vão do chão da porta do quarto. Olhei apressadamente em volta. Perto do guarda-roupa havia um taco de baseball. Era do Tom, ele ganhou do pai aos doze anos e estava autografado por seu jogador de baseball favorito.

— Então é isso... — sussurrei para mim mesma e caminhei para a porta, abrindo-a sorrateiramente.

Eu vi o homem na cozinha assim que abri a porta. Ele esfregava a canela que deveria ter batido em algum lugar, enquanto caminhava no escuro. Deve ter sido esse barulho que me acordou.

Caminhei lenta e mais silenciosamente possível até ele. O taco de baseball tremia e suave entre minhas mãos tensas. Contudo, aquela minha velha amiga, a Dona Sorte, resolveu se voltar contra mim outra vez. O invasor percebeu que eu o caçava e se virou em minha direção. Ele me olhou por um tempo, na penumbra, e eu ergui o taco mais alto, acima da minha cabeça.

— O quê? — ele esbravejou, acendendo a luz da cozinha.

Que por sinal me deixou cega e desorientada por alguns segundos. Isso deu vantagem ao homem, que avançou sobre mim e arrancou das minhas mãos o taco que estive prestes a acertar em sua cabeça.

— Quem é você? — indagou ele, raivoso.

O cara só poderia estar bêbado ou drogado, refleti, começando a me afastar dele. Essa pergunta era minha.

Quem ele era e com que direito achava que poderia invadir propriedades alheias?

— Eu perguntei, quem é você?

A forma que ele me olhava e se dirigia a mim parecia tão surpresa, como se os papéis tivessem se invertido e eu que fosse a intrusa no flat.

— Quem é você? — exigi, olhando para a mesinha da sala.

A claridade que vinha da cozinha iluminava um pouco o cômodo. Talvez se eu conseguisse chegar ao meu celular e corresse até o quarto, trancando-me lá dentro, conseguisse fazê-lo fugir ou me manter segura até a polícia chegar.

— Eu sou o Ethan Bell — disse ele, indo até o interruptor, agora acendendo a luz da sala.

Aproveitei os breves segundos de sua distração para pular até a mesa em busca do meu telefone.

— Irmão do Noah — paralisei no lugar com sua resposta.

Puta. Merda.

— Agora, quem é você, garota? — a luz me cegou novamente., mas não tanto como da outra vez — O que faz no flat do meu irmão?

Maldita Sorte. Ela pesava sobre meus ombros, a infeliz.

— Eu sou... — parei de falar quando meus olhos caíram sobre o homem com olhar enraivecido.

Sem dúvida, um dos homens mais bonitos que já vi, ao ponto de me deixar novamente paralisada, mas dessa vez, não era de medo. Mas não era mesmo.

Em seu jeans justo e surrado, ele caminhou até mim. De perto, pude notar que seus olhos eram azuis e eles estavam delineados por lápis preto, que só o deixava ainda mais atraente. Ele tinha correntes penduradas em seu pescoço e as tatuagens eram evidentes ali e nos braços, à mostra pela regata preta, amassada.

Ethan me disse algo, mas tudo que consegui notar era como sua boca carnuda parecia se mover de forma sensual. E a voz? Meu Deus, a voz era rouca e sexy, como o diabo não deveria ser.

— Então, garota? — Pisquei os olhos e encarei os seus, cristalinos.

— Eu sou Annabelle — disse, esperando que fosse isso que ele ainda me

perguntava.

— Então tem um nome, Annabelle — a forma que meu nome foi sussurrado por ele fez os pelos dos meus braços arrepiarem.

Pare com isso, Annabelle. Claro que Ethan era um cara muito bonito e quente, mas ele não era o único cara bonito que já conheci, na faculdade havia vários. E Shaw, apesar de ser um cretino, era bonito de doer, mas não como Ethan. Tom também fazia bem aos olhos, e Noah, bem, estava confirmado que beleza poderia vir de família.

— E que faz aqui e como entrou? — indagou ele, apoiando suas mãos na cintura — Olha, eu entendo. Você viu o flat ficando vazio nessa época do ano, coisas assim infelizmente podem acontecer.

Coisas assim? De que raios ele estava falando?

— Você deve ter um amigo. Alguém que não vai se importar que você invada o lugar — seguiu ele — Como eu disse, já vi essas merdas acontecerem. A vida, às vezes, é dura com a gente. Não vou te denunciar. Então, só pega as suas coisas e dê o fora.

— O quê? — indaguei, desacreditando do que ele estava supondo — Acha que invadi o flat?

— Como eu disse — ele esfregou o rosto cansado — Esse lugar pertence ao Noah e ao companheiro dele.

— Sei disso, Ethan — disse com grande desprazer o nome dele — São meus amigos. Os amigos que você insinuou que eu deveria procurar.

— Você é amiga do Noah? — ele fez a pergunta como se eu tivesse falado algo absurdo.

— Foi o que disse — dessa vez, quem passou a mão pelo rosto, exasperada e cansada, foi eu — Eu será que preciso desenhar para você?

Ele caminhou até o sofá e desabou sobre ele.

— Inferno! — amaldiçoou ele — O que você fez, Noah?

Nós estávamos em uma situação complicada.

— Isso é o que pretendo saber — disse, buscando o número de Noah no meu celular.

Após várias tentativas sem sucesso, desisti de esperar que a ligação fosse atendida e enviei uma mensagem para o celular de Noah, pedindo que entrasse em contato comigo o mais rápido possível.

— Ou eles ainda estão no voo — disse a Ethan —, ou seu irmão ficou sem

bateria.

— Talvez tenham chegado ao hotel e estejam descansando da viagem um pouco. É o que eu gostaria de estar fazendo agora.

Caminhei, desanimada, até uma poltrona surrada e desabei sobre ela, mordendo minha boca.

— O Noah não disse que você vinha — avisei a ele.

— Eu não tinha dado certeza — murmurou Ethan — O trabalho em Los Angeles surgiu na última hora.

Noah era um cara doce e muito amigável, mas ele não falava muito sobre a vida dele. Só sabia que ele tinha um irmão músico que fazia muito tempo que ele não via, mas sempre conversavam por telefone. Ele só não me disse que o rapaz era tão bonito.

— E você? — Ethan apontou para mim.

— O que tem eu?

Ele revirou os olhos, e isso me fez ter vontade de erguer as mãos e bagunçar os cabelos dele caindo sobre a testa.

— Qual a história?

Cocei o meu braço, constrangida. Pensar no que tinha acontecido com Sidney e Shaw me deixava envergonhada, mas Ethan poderia descobrir de qualquer forma, se conversasse com o irmão.

— Parte do que você disse é verdade — dei de ombros — A vida meio que tem sido uma cadela comigo. Fui expulsa pela minha colega de quarto porque acreditou que dava em cima do babaca do namorado dela.

— E você estava? — a pergunta veio com um arquear de sobrancelha que me fez levantar, zangada.

— Claro que não. Eu nunca faria isso com uma amiga — respirei fundo.

A quem quero enganar? Tentei ser uma amiga para Sidney, mas ela nunca foi isso para mim. Amigas não faziam o que ela me fez e pelo menos teria me dado uma chance de me explicar.

— Ela nos pegou nos beijando! — disse, exasperada, e vi quanto minha declaração soou errada — Quer dizer, Shaw me beijando à força, e não quis me ouvir. Olha, eu nunca faria algo para ferir ninguém e...

— Tudo bem — ele ergueu a mão em sinal de paz e sorriu da minha exaltação — Acredito em você. Conheço caras assim. Uns verdadeiros cretinos.

Não sei se foi o sorriso doce que ele me deu, ou sua declaração que me fez

relaxar, mas relaxou, pelo menos um pouco.

— E o que nós faremos agora? — perguntei a ele — Passará a noite no flat até encontrar um hotel?

Ele sorriu de novo, mas dessa vez foi com deboche.

— Definitivamente, não — respondeu Ethan, ficando de pé.

Graças a Deus. Ele irá embora imediatamente, deixando-me sozinha com minha paz de espírito e insanidade.

— Vou seguir com os planos e me hospedar aqui, até ter que viajar para Nova York.

— O quê? — quase saltei no lugar — Não pode ficar aqui, Ethan!

— E por que não, Annabelle? — revidou ele — Afinal, o flat é do Noah e do Tom. Prometeram que eu poderia vir, antes de você. E como irmão dele tenho mais direitos que você.

— Mas você não disse que vinha — acusei, chispando fogo pelos meus olhos — Vim primeiro, limpei tudo, abasteci a geladeira e despensa. *Eu* tenho mais direitos que você. Então vá você para um hotel.

Ficamos nos encarando como se estivéssemos diante de um grande duelo. De certa forma, estávamos. Só que não era pela honra de nenhuma donzela, mas pelo direito de permanecer no flat.

— Olha só — disse Ethan em um tom apaziguador — Noah e Tom dividem esse lugar. Isso significa que é grande o suficiente para nós dois.

Sério? Ele estava brincando?

— Eles são um casal, Ethan! — o lembrei, olhando em volta do lugar — Nós somos dois desconhecidos que aparentemente se odeiam.

— Ódio é uma palavra muito forte, não é? E de qualquer forma, conhecemos os rapazes — disse ele — Você sabe que não sou um psicopata, e acho que você não é maluca. Então vamos ter que olhar um para a cara do outro por um tempo.

Dito isso, ele caminhou até sua mala, que só agora via jogada próximo à entrada, também vi um violão na parede.

— É isso, ou você pode partir — disse ele, passando por mim, indo em direção ao único quarto — Eu ficarei aqui.

Atônita, o segui e o vi colocar a mala sobre a cama, começando a abri-la.

— Tudo bem, você pode ficar — disse, empinando o queixo ao colocar minhas mãos na cintura — Mas o quarto e a cama são meus.

Ethan soltou os objetos de higiene pessoal que tirava da mala e olhou duramente para mim.

— De forma alguma irei dormir naquele sofá minúsculo.

Olhei em direção para onde seu dedo apontava. Realmente, passar as noites ali seria bem desconfortável para um homem do tamanho dele. Uma noite tudo bem, mas várias, seria uma pequena tortura, eu tinha que admitir.

— No chão? — sugeri, tendo a esperança que seu lado cavalheiresco tomasse lugar ao grosseirão que ele vinha sendo.

— Sem. Chance — disse ele ao olhar para a cama — A cama é grande e cabe nós dois.

—Não vou dividir a cama com você! — bati o pé contra o chão.

Eu não sou alguém que só pensa no próprio bem-estar e conforto, quando mamãe esteve doente e no fim de sua vida, passei muitas noites em uma cadeira de hospital. Também não sou o tipo que precisa ter todas as vontades feitas, mas Ethan invocava o pior em mim.

— Esse é outro problema que deve lidar sozinha — disse ele, sorrindo, e voltou a mexer em sua mala enquanto começava a cantar.

Eu andava como um rinoceronte desvairado na sala, quando o ouvi entrar no banheiro, deixando a porta entreaberta. Cantando com sua voz sexy e rouca, uma das músicas de AC/DC que eu mais gostava: Back in Black.

Cause I'm back! Yes, I'm back
Well, I'm back! Yes, I'm back^[3]

Bufando, reuni o número de almofadas e travesseiros possível, fazendo uma linha divisória na cama com eles. Eu poderia dormir no sofá, mas não daria esse gostinho ao prepotente do Ethan. E enquanto ele cantava embaixo do chuveiro, cobri com raiva minha cabeça com o lençol e deixei que sua voz rouca e melodiosa me embalasse.

Never Tear Us Apart

Ethan

Acordei sentindo uma mão macia e morna envolvendo meu pau. A sensação era gostosa e meu companheiro já estava começando a ficar duro e pronto para uma rodada de sexo matinal.

Mas antes de abrir os meus olhos, tentei fazer uma varredura mental para descobrir que garota tinha me impressionado o suficiente para pular sexo no camarim para sexo no hotel. Eu tinha mesmo transado com uma garota no camarim no último show e depois pegado um voo até Nova Iorque, e de lá segui para Los Angeles.

Eu não estava na porra de um camarim e a mão delicada agarrada ao meu pau não era de uma tiete gostosa. Abri os olhos no mesmo momento que um grito agudo me fez tapar os ouvidos.

— Caramba, garota! — berrei, quando ela ameaçou berrar outra vez ao encontrar meu olhar, e sua mão me apertando ainda mais me fez gemer, e não foi de prazer — Eu ainda pretendo ter filhos um dia. Será que você pode soltar o meu pau?

Normalmente eu peço que as garotas segurem meu pau, mas essa não era uma situação normal. Annabelle olhou do meu rosto retorcido para a sua mão ainda segurando meu pênis, debaixo do lençol. Sua perna estava meio que enroscada na minha e sua outra mão em meu peito. Ao que parecia, nós dois tínhamos nos enroscado durante o sono. Não que isso me incomodasse, até que era bom acordar com uma garota bonita em meus braços. Isso tinha acontecido há tanto tempo que havia me esquecido da sensação. De como a pele delas são macias e cheirosas.

— O que você está fazendo aqui? — disse ela, saltando para se sentar — Me agarrando e nu?

Essa era boa. Sorri, entortando o canto dos lábios.

— Caso você não tenha notado — disse com um olhar lascivo, examinando-a de cima a baixo, agora na claridade do quarto que vinha das cortinas entreabertas —, era você, agarrada ao meu pau.

— Ai! Ethan! — ela pulou da cama e tive a mais absoluta certeza que iria me agredir — Você é um babaca! E por que está nu?

Afastei o lençol, sentando na cama. Annabelle tapou os olhos e soltou um gritinho de protesto, dando as costas a mim.

— Eu durmo nu — disse a ela.

— Não aqui! — ela apontou em direção à cama, mas se negou a olhar para mim — Não nesse quarto. E não enquanto estivermos dividindo a cama. Isso é inegociável.

A observei bufar e não pude deixar de observar que, nervosa, ela ficava linda. Vejo agora que seus cabelos são da cor cereja, o que eu não esperava. Ela é mignon, mas tem curvas generosas. E o que mais me deixava encantado: tinha sardas salpicadas abaixo dos olhos e por todo nariz.

— Se insistir nisso, juro que te coloco a pontapés para fora do quarto — seus olhos castanho-chocolate chispavam fogo para mim.

Sim, a garota é quente e sexy. E mesmo usando a camisola ridícula do Mickey Mouse, meu pau voltou a se manifestar.

— Camiseta e boxer — disse colocando um dos travesseiros sobre meu colo — É o máximo que consigo oferecer.

Isso não era totalmente verdade, mas acho o que eu tinha de melhor a oferecer, Annabelle não estava interessada, pelo menos, não agora. Deixar que se aproximasse de meu pau excitado só me levaria à impotência, quando o triturasse com os dentes raivosos.

— Espero que além de sem-vergonha — acusou ela — Também seja um homem de palavra.

Ela buscou uma toalha dentro do guarda-roupa e seguiu para o banheiro, pisando duro. Já estava me acostumando a isso e até achava engraçado.

— Ai, Noah — joguei-me sobre a cama, esperando meu pau começar a se acalmar — Em que merda você me meteu, cara?

~ ~ ~

Eu precisava consertar as coisas com Annabelle. Não me comporto o tempo todo como um cretino. E eu sei o que é passar dificuldades, ver-se sem ninguém a quem se apoiar. O problema é que minhas últimas 24h tinham sido intensas e exaustivas, e havia duas coisas que me deixavam bem irritado: sono e fome.

Então, decidido a parar de lamentar pelo leite derramado, visto uma calça jeans e vou para a cozinha, disposto a preparar o café da manhã. Annabelle não havia mentido, ela tinha mesmo abastecido a geladeira e despensa. Isso me abria um leque de possibilidades, mas como eu queria ter o café em andamento quando ela saísse do banho, como um sinônimo de paz entre nós, fui pelo caminho mais fácil: ovos mexidos e panquecas com gotas de chocolate.

Deixei a cafeteira preparada e separei sachês de chá e café para que ela

escolhesse. Eu preferia café, então fiz uma caneca fumegante para mim. Estava virando a última panqueca na frigideira, quando ela surgiu na cozinha com um olhar desconfiado.

— Sente-se — coloquei a panqueca sobre a pilha e corri para puxar a cadeira para ela.

— O que é isso?

— Café da manhã — sorri, colocando o pano sobre meu ombro nu. Eu sabia o que ela estava perguntando, mas não conseguia evitar provocá-la — E, um pedido de paz.

Fiz um sinal de bandeira flamulando e pisquei um olho para ela, dando o meu melhor sorriso sexy. Isso a fez rir e notei, aliviado, que essa batalha eu havia ganho.

Pedi que me falasse um pouco mais sobre a amiga e o namorado trapaceiro. Era melhor que a fúria de Annabelle estivesse em outras pessoas do que em mim.

— O café da manhã estava maravilhoso, Ethan — disse ela ao se erguer da mesa, começando a juntar a louça — É uma surpresa saber que você sabe cozinhar.

— Você ficaria surpresa com as outras coisas que também sei fazer, Annabelle — sorri descaradamente — Com as mãos e com a minha boca.

Estava falando sobre cantar e dedilhar a guitarra, mas deixei o duplo sentido rolar. E claro, me dei conta que estava sendo um cretino depois. A garota tinha acabado de me contar que havia passado por uma situação complicada envolvendo um cara, ter outro jogando charme para cima dela não deveria ser algo que estivesse procurando, mas eu não conseguia evitar.

Annabelle é divertida quando baixa a guarda, inteligente e me atrai de forma que me deixa espantado.

— Eu posso imaginar — ela revirou os olhos, olhando para o teto.

Mas observo que minhas palavras a fizeram enrubescer.

— Pode deixar que eu cuido da louça — a empurrei delicadamente para fora da cozinha.

— Sério? — me olhou, espantada.

— Eu sei lavar um prato, sabia? — Ela saiu rindo, e eu coloquei os utensílios na lavadora.

~ ~ ~

Annabelle estava na sala, jogada sobre o sofá com um livro na mão, e eu estava no quarto, fazendo uma versão voz e violão de *Never Tear Us Apart*, do INXS.

*We could live
For a thousand years
But if I hurt you
I'd make wine from your tears*^[4]

É véspera de Natal, a maioria das pessoas deveria estar empolgada, o que não acontecia comigo e Annabelle. Nisso parecíamos iguais, não havia para onde ir ou com quem comemorar a data especial.

Larguei o violão de lado e decidi ligar para minha mãe. Tendo experiências passadas, eu sabia que tentar falar à noite seria mais complicado com meu pai, fungando no cangote dela.

— Ethan? — seu tom choroso fez meu coração se apertar, eu tinha muitas saudades da minha mãe — É você, querido?

— Sim — engoli o nó em minha garganta para conseguir falar com ela — Sou eu, mãe.

— Oh, meu filho — ouvi seu soluço e constatei que a vida era uma grande merda — Estava relendo seu último e-mail. Como você está?

Contei a ela que estava no flat do Noah, o que a deixou mais calma, mamãe não gostava de me ver viajando por aí, mesmo sabendo que era a música que me guiava, ficava preocupada com minha segurança. Estava prestes a relatar minhas aventuras dos últimos meses, quando o telefone foi bruscamente tirado dela.

— Eu sabia que era você, seu merdinha.

Se meu Natal não estava sendo algo digno para comemorar, meu pai conseguia foder com o resto.

— Olá para você também, pai.

— Não sou seu pai! — esbravejou ele — Deixei de ser quando saiu de casa para andar como uma putinha pelo país. E seu irmão está indo para o mesmo caminho.

— Não mete o Noah nisso!

Ela sabia que meu irmão era meu ponto fraco, sempre foi. Aguentei 17 anos no inferno daquela casa por Noah, até que ele fosse forte o suficiente para se defender.

— Duas bichas, foi o que sua mãe me deu.

No mesmo dia à sua ida para a faculdade, Noah revelou a verdade, ou deixou claro quem ele era, para os meus pais.

— Vá se foder! — gritei com ele, não dava para respeitar quem nunca nos respeitou, mesmo ele sendo a droga do meu pai — Quero falar com a mamãe. Dar feliz Natal para ela, foi por isso que liguei.

— Ela também não é mais sua mãe, garoto — disse ele em uma voz fria — Não nos incomode mais.

Ouvi o som que a ligação foi encerrada e joguei o telefone com raiva na cama. Eu odiava meu pai e esse era um sentimento muito ruim para se nutrir na véspera do Natal.

É, eu realmente não tinha nada para comemorar, pensei, indo em direção ao banheiro na esperança de que um banho frio me acalmasse. Ainda bem que Noah estava longe de toda essa merda, com alguém que ele amava.

Eye Of The Tiger

Annabelle

Eu juro que não quis escutar a conversa de Ethan com a mãe, menos ainda, a discussão acalorada que teve com seu pai. Mas nós estamos em um flat e não há paredes suficientes para nos dar muita privacidade.

Tentei retornar a minha leitura, mas parecia que faltava algo. Eu sentia falta do som do violão e da voz rouca de Ethan me embalando, enquanto mergulhava na história. Fechei o livro e me dirigi à cozinha em busca de água. Talvez fosse melhor assistir alguma coisa ou pegar uma comédia romântica para ler.

Romance. 99% dos meus livros são romances, acho que sou uma romântica incurável. Sorri, e pensando sobre isso, segui para o quarto. Eu só tinha mais duas escolhas de livro, muitos dos que eu tinha ainda estavam no apartamento de Sidney, só consegui pegar o que ela havia arremessado pela janela. Algumas roupas e esses três livros que havia deixado na cabeceira da cama.

Comecei a folhear o livro que peguei, quando o telefone de Ethan começou a tocar sobre a cama. Um solo de guitarra de uma música que eu amava me fez sorrir. Eu curti o repertório musical dele.

O telefone apagou e eu voltei a olhar meu livro até que o alerta invadissem o quarto novamente. Mordi meu lábio, nervosa. E se fosse a mãe dele ligando? Pelo que entendi de seus berros, o pai dele havia interrompido a ligação e não havia deixado Ethan finalizar com a mãe e nem dar um Feliz Natal.

Então eu peguei o telefone, disposta a levar até o banheiro. Foi quando vi a foto na tela. Mesmo que a mãe dele fosse uma pessoa que gostasse de se cuidar, a mulher bonita aparecendo na tela não tinha cara de ter um filho da idade dele.

Zoe, e não mamãe, como achei que iria ver.

Quem era Zoe? Alguma namorada de Ethan?

— O que você está fazendo? — saltei de susto no lugar e quase deixei o aparelho cair no chão — O que faz com meu telefone, Annabelle?

Ele caminhou colérico até mim. Meu instinto dizia que deveria sair correndo, apesar de não saber para onde. No entanto, permaneci paralisada no lugar, observando Ethan. Babando, para ser mais justa. Com os cabelos

molhados caindo na testa, a tatuagem de asas de anjo no peito, outras espalhadas pelos braços e pescoço e apenas a toalha branca cobrindo-o da cintura para baixo, Ethan era a figura mais quente que já coloquei os meus olhos. Se a perfeição existia, se chamava Ethan Bell.

— Eu... eu... — gaguejei, engolindo em seco — Eu só estava...

— Fuçando onde não deveria — esbravejou ele, tomando o aparelho de minhas mãos — Você dá um minuto de confiança às pessoas e elas ultrapassam o limite.

Ok. Ele era lindo, mas o que tinha de belo, tinha de grosso.

— Eu só vi o seu telefone tocar, duas vezes — retruquei, zangada — Pensei que poderia ser algo, ou alguém importante. Só ia levá-lo até você.

Eu respirava acelerado de raiva. Por que ele tinha que ser tão rude?

— Quem quer que seja, poderia ligar depois — disse ele, mexendo no telefone.

Ah, que grande babaca.

— Quer saber, Ethan? — estreitei meus olhos ao olhar para ele — Vai para o inferno!

Passei por ele batendo em seus ombros, em direção ao banheiro. Acho que eu precisava de um banho para acalmar os meus ânimos. Por que ele conseguia me irritar como ninguém mais conseguia?

Não tinha uma resposta objetiva para isso, mas nesse momento, eu estava odiando Ethan Bell com todas as minhas forças.

~ ~ ~

Eu não estava esperando ter companhia nem para o Natal, quanto mais para a véspera. Mas enquanto Ethan passou as horas seguintes à nossa discussão, trancado no quarto, apenas tocando seu violão, eu fiz deliciosos e enfeitados *Christmas Cookies*, o tradicional é o gingerbread, que são feitos de gengibre, mas eu sempre preferi os chocolates.

Quando pequena, minha mãe e eu fazíamos cookies na véspera de Natal para recepcionar o Papai Noel [📺]no dia seguinte. Sempre havia, perto da árvore, cookies de chocolate e um copo de leite para agradecer os presentes.

É claro que eu não receberia a visita do bom velhinho, mas era maravilhoso ter esse pequeno pedaço da infância de volta, além das doces lembranças da minha mãe aquecendo meu coração, até cantei as músicas que Ethan tocava enquanto fazia a receita. Isso me deixou feliz e até menos zangada

com Ethan. Tanto que preparei um prato de cookies quentinhos e levei para ele no quarto, com um copo de leite.

Deixei sobre a mesinha ao lado da cama, mas me recusei a observar sua reação. Bom, ele poderia jogar tudo pela janela. O clima de Natal estava me pegando, e eu não deixaria que Ethan Bell estragasse isso.

Desfrutava de meus cookies, quando o meu telefone tocou.

— Noah Bell! — saltei da cadeira ao atender — Eu juro que vou matar você.

— Ah, meu Deus! — ele lamentou assim que me calei — Por favor, diz que eu paguei a internet antes de sair? Não, pera, está tendo outro vazamento na cozinha?

O Noah tinha me colocado em uma pequena enrascada com seu irmão, mas graças a ele e Tom que eu tinha um teto sobre a minha cabeça.

— O Ethan está aqui — disse logo de uma vez — Por que não me avisou, Noah? Eu teria...

— Olha, juro que eu não lembrava — lamentou ele — Nós só queríamos te colocar sob nossas asas, passarinha.

Se antes eu não me atreveria a ficar chateada com ele, agora era impossível, não quando ele usava comigo o apelido carinhoso que me deram no meu primeiro dia na faculdade.

— Ele está perturbando você?

Eu queria dizer que Ethan me tirava do sério, mas não me atreveria a preocupá-lo, tampouco aborrecê-lo.

— A gente tá levando.

Tirando o fato de que seu irmão conseguia ser uma babaca-idiota, eu pensei, mas essa parte ficou apenas para mim.

— Não liga para as caras feias que Ethan faz — berrou Tom, na linha — Na maior parte do tempo aquele rostinho e todo o resto é de tirar o fôlego. É só tipo, meu amor, irá saber quando conhecê-lo melhor.

Definitivamente, eu dispensava conhecer Ethan mais do que já conheci.

Rindo, ouvi o casal discutir. Conversamos por alguns minutos. Eles me contaram um pouco sobre sua empolgante Eurotrip. Desejei um feliz Natal a eles antecipado e nos prometemos voltar a nos falar pelo menos mais uma vez, antes do Ano Novo.

— Midnight Mass — ouvi Ethan dizer às minhas costas, quando me curvei para colocar a louça na lavadora.

— Como?

— Você é judia? — indagou ele, escondendo as mãos nos bolsos de trás de sua surrada calça jeans.

— Ainda não entendi onde você quer chegar — apoiei minhas costas contra a pia para olhar para ele.

— Seus cookies me fizeram lembrar do gingerbread que minha mãe fazia — disse ele, e parecia meio encabulado — Ou ainda faz, eu já não sei. Não importa.

Eu acho que importava, sim. Mas não iria meter o dedo em sua ferida.

— Nós também íamos à igreja para o Midnight Mass^[6].

Ethan me deixou sem palavras, e dessa vez, não foi pelo seu físico. Ele também sentia falta das comemorações de fim de ano, tal como nos lembrávamos na infância. Assim como eu, ele provavelmente teria um Natal solitário aqui.

— Tem uma igreja aqui perto — continuou ele — Então, se você quiser, ou não...

— Eu adoraria ir com você — sorri para ele — Vou apenas pegar um casaco.

Saí da cozinha em disparada, como uma criança temendo que o passeio fosse cancelado a qualquer momento. Só quando eu fechei a porta do guarda-roupa, onde havia algumas peças minhas, e olhei meu sorriso no espelho, notei como estava empolgada.

Eu não tinha carro, sempre peguei caronas para a faculdade com Sidney, os rapazes e alguma outra amiga. E Ethan não tinha alugado um carro para os poucos dias que passaria aqui, mas como a igreja que ele havia citado não ficava muito longe, fomos caminhando. Isso nos deu tempo para meditar e eu percebi duas coisas. A primeira, Ethan até podia rosnar e mostrar os dentes, mas no fundo, ele tinha um bom coração, e a segunda, e essa era uma constatação bem mais assustadora, eu desejava conhecê-lo melhor.

Eu queria saber mais sobre esse menino com jeito de bad boy perdido. Eu me lembrei da música *Eye Of The Tiger*, de Survivor, que comecei a cantarolar enquanto caminhávamos até a igreja.

Went the distance, now I'm back on my feet
Just a man and his will to survive^[7]

Ethan era como aquele tigre.

Always

Ethan

Conheço um bom filho da puta porque tive um como pai por 17 anos. Então, sim, agi como um babaca com Annabelle, exatamente como meu pai havia feito comigo no telefone. Eu descontei sobre ela a raiva e a mágoa que tinha dele, e isso não foi certo.

Eu fiquei chateado e me senti envergonhado de como a tratei. Mas eu também não sou o tipo que sabe se curvar e pedir desculpas. Em casa sempre foram muitos gritos e ofensas, depois sentávamos à mesa ignorando um ao outro, como estranhos em um mesmo ambiente.

Passei as horas seguintes, após sair do banheiro, tocando vilão. Não conseguia soltar a minha voz, nem mesmo para cantar. Apenas toquei uma música após a outra, enquanto elas iam me acalmando, até ser surpreendido com o prato de cookies com o copo de leite que Annabelle havia trazido para mim.

Talvez eu fosse arrogante e convencido demais por achar que era um silencioso pedido de paz, mas foi assim que senti. O gesto de Annabelle me desarmou. Uma vez eu ouvi que a melhor forma de se vencer uma luta é com flores, ou algo assim. Annabelle era um completo jardim.

Eu sentia o cheiro magnífico vindo da cozinha, tinha esperança de que pudesse roubar alguns cookies quando ela fosse dormir. Mas após sua generosidade, que me fez lembrar dos poucos momentos felizes da minha infância, com minha mãe e Noah, a esperança mudou para outra coisa.

Não esperava que Annabelle aceitasse o Midnight Mass comigo, queria apenas que ela soubesse que também acenava minha bandeira branca e que eu tentaria, daqui para frente, não agir mais como um boçal. Quer dizer, a ligação nem era importante ou algo que eu desejava esconder. Eu só estava furioso comigo, por me permitir ficar furioso com meu pai e por constatar que ele ainda tinha um pouco de poder sobre mim.

Annabelle não apenas aceitou ir à igreja, mas, no caminho, ela começou a cantarolar. Por algum motivo, senti que Annabelle falava comigo na canção, ela me desvendava, pelo menos a parte escura de mim. Eu me identificava muito com aquela música.

Chegamos à igreja, e devo confessar, não prestei muita atenção na missa, ou nas palavras do padre. Passei a maior parte do tempo refletindo sobre a

minha vida e fazendo orações, algo que não tenho o costume de fazer.

Não pedi por fortuna, sucesso e dinheiro, tudo isso seria consequência do meu trabalho com a banda, tendo um empurrãozinho de Zoe ao nos apresentar às pessoas certas. Eu orei pelo Noah, para que ele sempre fosse feliz e amado por quem escolheu estar ao seu lado. Orei por minha mãe, para que ela, algum dia, tivesse forças e coragem de se libertar de alguém tão nocivo como meu pai. Pelos integrantes da banda e finalmente por Annabelle. Que não aparecessem em sua vida mais nenhuma Sidney ou Shaw. Ela era uma pessoa boa e tinha coração doce, não desejava que ninguém estragasse isso.

Depois da missa, nós fomos a um café. Sentia que as coisas entre nós estavam em paz agora, mas eu lhe devia um verdadeiro pedido de desculpas.

— Olha, eu não costumo dizer isso — disse, buscando sua mão sobre a mesa — Na verdade, acho que as únicas pessoas para quem eu já disse essas palavras foram para minha mãe e Noah.

Respirei fundo para tomar coragem. Seria agora, ou nunca.

— Eu sinto muito, Annabelle — esperava que minhas palavras soassem tão honestas como eu as dizia — Me desculpe por ter sido um babaca.

Ela entrelaçou os dedos nos meus e sorriu.

— Está desculpado, mas eu preciso dizer que não estava espionando você, Ethan. Nem com sua conversa no telefone, nem depois quando o peguei.

— Sei disso — disse a ela — Não era com você que eu estava furioso.

Ela assentiu, balançando de leve a cabeça.

— Seu pai parece ser um homem bastante difícil, não é mesmo? — indagou ela, com certo tom de pesar.

Então, ao dar-se conta que tinha ido um pouco longe, abaixou a cabeça, envergonhada, e tentou soltar sua mão da minha, o que não permiti.

— Muito. Ele nunca aceitou o Noah como é. Nunca entendeu ou perdoou que eu tivesse escolhido a música, e não advocacia, como ele. E nunca deixou de nos fazer sentir como uns merdas.

Abrir um pouco sobre meu passado ou meu pai não estava sendo tão ruim como sempre pensava que seria, quando alguém tentava entrar nesse assunto. Provavelmente porque seja Annabelle a me ouvir. Dava para ver que minhas declarações a tocavam, mas ela estava apenas me ouvindo, e não analisando com pena. Talvez seja porque Noah já tenha contado a ela essa parte negra de nossas vidas, e me ouvir não seja uma surpresa. Não importa, eu conseguia falar, eu conseguia falar porque era ela.

— Fui expulso de casa aos 17 anos. Sinto pela minha mãe, com quem tenho pouco contato, mas nunca mais quis retornar à minha casa ou à cidade onde cresci. E esse tem sido eu. Jeans surrado e um violão — mas eu não lamentava as decisões que tomei, elas me tornavam um homem melhor — Chega de falar sobre mim. Fale um pouco sobre você.

— Eu não sei quem é o meu pai — confessou ela, e isso não parecia ser um problema.

— Acredite em mim — apertei seus dedos de leve — Em alguns casos é melhor nunca saber.

Não vou dizer que queria ver o meu pai morto, mas posso dizer, sem qualquer arrependimento, que desejava que ele nunca tivesse existido.

— A minha mãe foi maravilhosa — ela sorriu, e o sorriso fez seus olhos brilharem. — Corajosa, aventureira e sonhadora. Sabe que quando eu tinha quatro anos, nós nos mudamos para o Alasca?

Seu riso contagiou o meu.

— Depois que ela ficou grávida e decidiu levar a gestação sozinha, seu relacionamento com meus avós não foi o mesmo, eles eram muito conservadores — disse ela, sobre isso eu conseguia entender muito bem — Fomos sempre nós duas, como unha e carne. Quando ela ficou doente, meu mundo pareceu ruir.

Não tinha como não comparar meu pai e a mãe de Annabelle. Um sofreu sem merecer, o outro fazia as pessoas sofrerem. A vida, às vezes, parecia injusta e cruel.

— Ela sempre me dizia: “viva, Belle. Vá para a faculdade, pinte os cabelos de uma cor berrante, faça uma tatuagem e viva seus dias como se não houvesse um amanhã.”

Pelas palavras dela, e principalmente por seu olhar amoroso, a mãe de Annabelle era alguém que, sem dúvida, eu teria gostado de conhecer.

— Só não vá usar metanfetamina — ela gargalhou ao dizer isso — Você acredita nisso?

De feliz, seu rosto mudou para nostálgico, quase triste.

— Ela também me disse que eu nunca deveria chorar pela falta dela. Que ela não estava morrendo, como as pessoas diziam, morrer era deixar de existir — continuou ela — E ela não estava fazendo isso. Estava apenas viajando para outro lugar e que sempre iria olhar por mim. Talvez se intrometer, se eu agisse como uma bundona.

O café que tinha colocado na boca para aliviar o nó em minha garganta

explodiu pelos meus lábios, quando ri.

— Eu sei. Alice Harrison — disse ela, sorrindo — foi uma mãe era incrível.

— Então você pintou os cabelos de cor cereja, entrou para a faculdade e fez uma tatuagem?

— A tatuagem, ainda não. Eu sou como Benjamin Button, nasci velha e vou rejuvenescendo. Um passo de cada vez, homem.

Eu não tive a honra de conhecer Alice Harrison, mas eu estou tendo a honra de conhecer a sua melhor contribuição para o mundo, Annabelle.

— Ethan? — ela me chamou assim que começamos a tirar nossos casacos ao entrarmos no flat — Posso te pedir uma coisa?

— Um desejo, faz parte do pacote de pedido de desculpas.

O sorriso foi doce e quente, o suficiente para aquecer meu coração de uma forma que o cobertor mais macio do mundo não conseguiria.

— Canta para mim?

Eu fiz o que quis fazer desde que fomos à igreja: segurei sua mão e a guiei comigo.

*This Romeo is bleeding
But you can't see his blood^[8]*

Quando os primeiros acordes soaram e a letra de *Always* dançou pela minha boca, olhava em seus olhos, tão doces como os cookies de chocolate que ela havia feito.

Jingle Bells

Annabelle

Acordei, e para minha paz de espírito ou desapontamento, não tinha o corpo nu de Ethan ao meu lado. Ele nem estava na cama, e pelo visto, nem no flat silencioso. Do banheiro vinha um suave perfume de loção pós-barba, que gostei. Espreguicei-me e olhei para o lado da cama pertencente a Ethan. Meus olhos e boca abriram de surpresa ao ver uma meia limpa e um bilhete sobre o travesseiro dele.

“Feliz Natal, Annabelle.”

Apenas isso: “Feliz Natal, Annabelle”, mas o gesto tinha tanto significado que meus olhos se encheram de lágrimas.

— Feliz Natal, Ethan — murmurei, mesmo não o tendo ao meu lado.

Sacudi a meia de cabeça para baixo e vi cair uma das correntes que Ethan usava. Ele se desfazia de algo que gostava para me presentear. Excluindo minha mãe, ninguém nunca tinha feito algo assim por mim. Levei a corrente em meu peito e senti que ela aquecia meu coração.

Pulei da cama, colocando a corrente sobre ela, e andei até o banheiro como se flutuasse. Escovei os dentes e decidi tomar banho, eu sempre me sentia mais disposta de manhã após o banho e uma generosa xícara de café.

Antes de me vestir, coloquei a corrente em meu pescoço, depois uma calça confortável e o pulôver com um desenho de Snow, que eu tinha ganhado da minha mãe no último Natal que havia passado com ela.

Eu queria ter algo especial para dar a Ethan. Então uma ideia surgiu em minha cabeça. Disparei em direção à cozinha e comecei a preparar minha surpresa.

~ ~ ~

Umas das especialidades de Ethan, pelo que parecia, era me pegar de surpresa.

— Você tem certeza que estuda moda, e não gastronomia? — O ouvi dizer quando entrou na cozinha.

— Quando se tem um orçamento regulado — disse, dando de ombros — tem que aprender a se virar muito bem.

Ele sorriu, e eu notei a caixinha dourada com um laço vermelho na

mão dele. Concluí que sua saída pela manhã tinha sido para comprar um presente para a mãe dele, ou até mesmo para Noah.

— Achei que só a corrente parecia simples demais — disse ele, estendendo a caixinha a mim, e a peguei com as mãos trêmulas — Ontem você disse que queria aprender a tocar violão.

Nós cantamos madrugada adentro, e eu até arrisquei a dedilhar algumas notas no violão de Ethan, entre uma pausa e outra. Também contei a ele que na infância tive uma banda de rock com as poucas crianças na vila onde cresci. Nós não tínhamos instrumentos de verdade, mas usávamos utensílios de cozinha, como panelas, colheres, entre outras coisas que deixavam nossas mães loucas.

— É lindo — disse, emocionada, ao olhar o delicado pingente de guitarra. Tirei a corrente para colocar o pingente, depois estendi para ele — Coloca para mim?

Afastei os cabelos que estavam presos em um rabo de cavalo. Os dedos de Ethan resvalaram em meu pescoço. Ele deixou as mãos pousadas em meus ombros, e eu consegui sentir sua respiração suave em minha pele.

Agarrei o cordão e o pingente segurando-os forte, enquanto sentia meu coração começar a acelerar. Ethan estava despertando em mim sentimentos que eu não deveria ter. Eu não deveria olhar tanto para os seus lábios sedutores quando ele cantava ou falava, imaginando como seria ser beijada por ele. Não deveria sentir minha pele arder sempre que ele me tocava, involuntária ou intencionalmente. Meu coração não deveria acelerar tanto por ele como batia forte agora.

— É lindo — sussurrei, quando ele me virou de frente a ele — Eu não tenho nada para te dar.

Droga! Eu poderia, *não*, deveria ter saído rapidamente para comprar nem que fosse um cartão de Natal para ele.

— Mas eu preparei esse almoço especial.

— Um almoço de Natal? — ele sorriu ao olhar a mesa quase pronta.

Não tinha realmente muito de especial. De comida havia um prato com costelas de porco e outro com presunto, salada, caçarola de vagem e purê de batatas. De sobremesa, apenas o que havia sobrado dos cookies e sorvete.

— Você fez eggnog^[9]? — ele apontou para o drinque que tirava da geladeira.

— Receita especial da senhora Alice Harrison — disse, com toda a

pompa — Natal sem eggnog não é Natal.

Eu também havia enfeitado a mesa com Candy Cane⁽¹⁰⁾, que poderíamos comer depois. Fiz um sinal para que Ethan se acomodasse, e logo ele começou a se servir. Não foi uma daquelas ceias fartas que se vê em comerciais ou filmes na TV. Mas foi especial, pois eu tinha Ethan e sabia que minha presença também não o fazia se sentir sozinho.

Estava apreciando a camaradagem que crescia entre nós a cada dia. Podíamos compartilhar memórias divertidas ou abrir o coração sobre as merdas que já aconteceram em nossas vidas. Porque falar com ele e ouvi-lo parecia tão fácil

Não mudei muito o meu roteiro para o dia de Natal, a diferença é que Ethan estava comigo e eu o obriguei a fazer maratonas de filmes em minha companhia. Começamos com Meninas Malvadas. É claro que ele não perdeu uma única oportunidade de criticar alguma parte do filme, e teve alguns momentos, em que brigava com ele, que sentia que iria me beijar, infelizmente em nenhuma das vezes isso aconteceu.

À noite comemos pizza, eu permiti que ele acrescentasse em minha lista alguns filmes de sua preferência. Estava quase cochilando no segundo filme de ação, quando Ethan, que estivera o tempo todo sobre o tapete, puxou minha perna.

— Ei. Quer fazer algo um tanto ousado — sussurrou ele —, mas bastante divertido?

Olhei curiosa para ele, mas assenti balançando a cabeça e estendi a mão para que me ajudasse a levantar.

— Coloque o seu casaco que irei pegar o violão.

Quando saímos do flat, vi que Ethan digitava algo no seu telefone. Conseguimos pegar um táxi até que rapidamente, e depois de vinte minutos rodando a cidade, me vi parada em frente a uma casa de repouso comunitária.

Ele disse à jovem na recepção que precisava falar com o responsável. E explicou que estávamos ali para o Christmas Caroling. Eu já fiz parte de um grupo musical no Alasca. Nós íamos de casa em casa cantando canções natalinas.

— No meu primeiro Natal sozinho, ainda tinha dezessete anos, fui para um asilo cantar — murmurou ele, enquanto erámos conduzidos ao salão onde os idosos estavam — Não com as mais honestas das intenções como hoje, mas porque sabia que lá haveria comida e pessoas. Calor humano, sabe.

Meu coração se apertou com sua declaração, e eu o abracei. O mundo sem a minha mãe me assustava, mas eu já era bem grandinha agora e ela tinha me ensinado a me virar.

Pensar naquele adolescente solitário, com fome e possivelmente com frio, me deixou abalada. Fomos sempre eu e minha mãe, mas ouvindo a história triste de Ethan, percebo que nós duas tivemos o mundo inteiro.

— Mas hoje a gente vai se divertir — disse ele, quando me afastou com gentileza — E divertir as pessoas.

Os velhinhos que nos receberam eram muito simpáticos e ficaram felizes ao saber da nossa presença ali.

— Começamos por qual? — indagou Ethan, se acomodando com o violão.

— Bem, você é Ethan Bell — ele revirou os olhos ao me ouvir dizer isso — Devemos começar com Jingle Bells.

Oh, jingle bells, jingle bells
Jingle all the way...^[4]

Alguém entoou do fundo do salão, e sorrindo, Ethan começou a tocar. De *Jingle Bells* nós fomos para *We Wish You a Merry Christmas*, *Rudolph*, *Jingle Bell Rock* e muitas mais. Os idosos formaram um excelente coro, e o restante da noite foi exatamente como Ethan havia prometido, um pouco audacioso, mas muito divertido.

~ ~ ~

Quando retornamos ao flat, fiz chocolate quente para nós dois com marshmallow, ainda estávamos elétricos demais para dormir. Assistimos o desenho *A Charlie Brown Christmas*, e em uma determinada parte do espetáculo *O quebra Nozes*, Ethan me arrancou do sofá, fazendo com que eu valsasse na minúscula sala com ele, como punição por tê-lo feito ver tantos filmes de menininha.

Caímos às gargalhadas sobre o sofá quando a música terminou.

— Feliz Natal, Annabelle Harrison — disse ele, seu corpo ainda cobrindo o meu, mas o seu peso não me incomodava.

— Feliz Natal, Ethan — sussurrei.

Nos encaramos por um tempo. Eu tive novamente aquela sensação que Ethan iria me beijar, mas temia me desapontar como das outras vezes.

— Veja só uma coisa — ele segurou o meu rosto e seu polegar passou suavemente pelo meu lábio. Assenti, pois me sentia incapaz de proferir qualquer palavra — Há um visgo logo acima de nossas cabeças.

Ergui a cabeça para olhar em direção onde ele apontava. Havia mesmo um visgo pendurado na parede atrás de nós, era a única decoração de Natal em todo o flat.

— Sabe o que isso quer dizer? — seu sorriso era atrevido o suficiente para despertar o meu.

— Você deve me beijar — murmurei, vendo seu rosto se aproximar ainda mais do meu.

E finalmente seus lábios tocaram os meus em um beijo de arrancar nossos fôlegos. Foi muito além do que imaginei. Como um sonho que eu nunca desejava acordar. Eu derretia nos braços de Ethan. Seu beijo apaixonado nos transportava para um lugar mágico. Um lugar só nosso e especial.

Everything I Do

Ethan

Sabia que deveria abrir os olhos, afinal, fazia algum tempo que eu havia acordado, mas a sensação de ter Annabelle aconchegada a mim era tão boa, que eu protelei o momento que nos afastaríamos para levantar, o máximo que eu consegui.

— Oi — sussurrei, quando encontrei seus lindos olhos castanhos focados nos meus — Nada de gritos ou tentativas de me deixar impotente?

Levei um pequeno chute próximo à minha canela, mas Annabelle sorria.

— Você não está nu — disse ela — E dessa vez, esperava acordar com você na cama.

Eu dormi beijando uma garota, mas não fiz sexo com ela, e acho que é a primeira vez que isso acontecia em toda a minha vida. Embora, claro, tivesse desejado muito ter feito Annabelle minha, nossa sintonia era uma coisa especial, ia além do desejo carnal. Não era apenas desejo físico incontrolável, nós estávamos criando uma conexão maior e muito mais intensa. Começávamos a construir uma história juntos, e eu me sentia bem e feliz com isso.

— E bom dia para você também — ela me provocou, a boca formando um biquinho que fui incapaz de resistir.

Respondi com um beijo prolongado, que nos levou a vários deles.

~ ~ ~

Depois de usarmos o banheiro e tomarmos o café da manhã, novamente preparado por mim, me recusei a seguir a lista de filmes de Annabelle. Nós estávamos em Los Angeles e eu queria andar um pouco pela cidade.

E a nossa primeira parada foi para ver a decoração do The Grove, considerado um ícone na cidade dos anjos, durante essa época do ano. O The Grove é um shopping a céu aberto, próximo de Hollywood, possui arquitetura encantadora, ficando ainda mais charmosa com a já tradicional decoração na cidade durante o Natal. Do Grove, passamos boa parte da tarde no ringue de patinação no gelo, no L.A. LIVE. Há tempos eu não me divertia tanto ou não tinha uma boa companhia que me levasse a sorrir. A vida parecia ser fácil e simples ao lado de Annabelle.

— Nós podemos ir ao Zoo, amanhã — disse ela, quando paramos em uma cafeteria para um café — A decoração deve estar encantadora.

Havia tantas coisas e lugares que gostaria de ver com ela e através dos olhos dela, que me empolgava e assustava na mesma medida. Annabelle ganhava uma importância para mim que chegava a me deixar inseguro.

— Vamos ao zoo, então — murmurei, empilhando alguns saquinhos de açúcar.

Eu só tinha mais um dia livre para passar com Annabelle, depois disso a banda iria chegar e teríamos dois dias de ensaio na casa que nos contratou para o show de virada do ano.

— Está tudo bem? — eu vi sua mão pousar sobre a minha, contendo meus dedos agitados.

Mentir ou ser completamente honesto com ela?

— Eu só a conheço há três dias — murmurei, notando seu sorriso, que estivera empolgado, desaparecer — Mas eu sinto como se a conhecesse a vida toda.

Parecíamos como em um desses filmes românticos, mas o que vivíamos era muito real.

— Eu disse coisas a você que não disse nem ao Noah. E não consigo decidir se é algo bom ou ruim.

Meu irmão e eu tínhamos o mesmo drama familiar, “nosso pai”, mas os sonhos dele eram diferentes dos meus. As lutas, esperanças e decepções também. Além disso, o Noah conseguia se abrir para relacionamentos; eu me fechava, foi assim até Annabelle surgir.

— Eu nem vou ficar chateada com o que disse, Ethan — ela sorriu para mim e apertou mais a minha mão — Porque eu também estou confusa pra caramba. Mas eu gosto de como me sinto com você. Eu gosto de descobrir um pouco mais de você todos os dias. E, sim, me assusta saber que você irá embora e uma imensa saudade irá ficar.

— Por que eu tenho que ir embora?

Por que eu tinha que abrir mão da única coisa que me fazia mais leve e feliz além da minha música?

— Você tem o The Demon’s — murmurou ela — A música e a banda são sua vida. Viajar por aí cantando é o que te faz feliz.

— Não vou negar. Abrir mão disso, de estar no palco, seria como

apagar algo dentro de mim — digo a ela — Mas, por que ter que escolher entre vocês duas?

— Eu não posso deixar a faculdade, Ethan — lamentou ela — A moda também é minha vida. Eu gosto de criar e ver tudo o que imaginei ganhar vida.

— Não estou pedindo isso, Annabelle — falei com fervor — Eu digo que a gente pode ter os dois. Você aqui na faculdade e eu viajando com a banda, mas todo marinheiro no fim da jornada precisa do seu porto seguro. Seria bom ter para quem voltar a cada final de turnê.

Eu via a indecisão em seu olhar, mas notava a esperança também.

— Acha que daria certo?

— Não é se daria certo, mas se queremos que dê — respirei fundo, e nunca me senti tão apreensivo e ansioso pelo que iria perguntar — Você quer, Annabelle? Nós dois, juntos?

Tudo o que desejei ao vir para Los Angeles foi alguns dias de paz antes de iniciar mais um ano de trabalho duro com a banda. Eu não esperava que meu coração fosse se encantar por uma garota que me tirava do sério, mas que me fazia sorrir como nunca.

— Eu quero, Ethan Bell — o sorriso mais lindo do mundo tornou a iluminar o seu rosto e o meu — E viver cada dia como se fosse o último.

Ergui da cadeira estendendo a mão a ela, e me curvei sobre a mesa quando Annabelle se levantou. Pouco me importava se havia pessoas nos observando enquanto a puxava para um beijo apaixonado. Sentia que havia encontrado a outra parte perdida da minha alma e tinha necessidade de estar sempre conectado a ela.

— Ethan? — disse ela, puxando o ar quando nos separamos — Você não vai me pedir?

Annabelle fazia isso para me provocar e testar meus limites, mas sou maluco o suficiente para mergulhar de cabeça nisso. Então, diante de seu olhar embasbacado, ajoelhei diante dela, ao redor de algumas dezenas de pessoas, entre curiosas e com sorrisos encantados, e segurei sua mão.

— Annabelle Harrison — beijei cada dedo trêmulo dela que eu segurava — Você quer namorar comigo?

— Eu posso pensar? — ela sorriu, marota, fazendo algumas garotas em uma mesa próxima a nossa protestarem.

— Annabelle!

— Sim. Claro que sim — fiquei em pé e a girei em meus braços, enquanto ela abraçava meu pescoço, murmurando: — Não há nada que eu queira mais no mundo, além disso.

Look into my eyes
You will see what you mean to me
Search your heart, search your soul
And when you find me there
You'll search no more^[12]

Rock You Like A Hurricane

Annabelle

Ok. Qualquer pessoa racional no mundo diria que estou sendo precipitada, absurdamente tola e excessivamente romântica, mas eu não ligo. O que acontece entre Ethan e eu é um daqueles raros casos de amor em que você precisa ver a pessoa apenas uma vez, para ter a certeza que ela será o grande amor de sua vida. Eu sinto isso. Eu acredito com todas as forças do meu coração. Acima de tudo, estou feliz. Ethan me faz feliz e sei que o mesmo acontece com ele.

Então, ao inferno os controladores do tempo que possam dizer que nossos sentimentos e relação estão indo rápidos demais. Eu vou seguir os conselhos da pessoa que mais me importou no mundo e viver cada dia como se fosse o único. Porque a vida não nos dava garantias alguma de que não iria ser.

Então, após um dia incrível com Ethan no Zoo, eu tinha certeza absoluta que nascemos um para o outro e já não sentia como se faltasse algo em mim. Ethan me completava.

— Os caras chegam amanhã — disse ele, surgindo na sala — Quer conhecê-los?

Conhecer os amigos de banda de Ethan era um grande passo. Quando um cara quer te apresentar aos amigos é porque as coisas estão mesmo ficando sérias.

— Eu iria adorar conhecê-los.

Apesar de me sentir meio apreensiva, desejava mesmo conhecer os amigos de Ethan. Algo me dizia que aprenderia um pouco mais sobre ele através deles.

— Eles irão amar conhecer você também — disse ele, buscando meus lábios.

O beijo foi se tornando mais intenso, e as carícias que dávamos um ao outro, também. Ethan sempre parava quando as coisas pareciam ir longe demais, e eu percebia o quanto isso custava a ele, pois sentia o mesmo.

— Ethan? — sussurrei quando ele começou a deslizar para longe de mim — Eu estou pronta.

Mais do que estar pronta, eu desejava isso. Que Ethan fosse o

primeiro, que fosse o único para mim.

— Annabelle... — murmurou ele, respirando fundo — Você tem...

O beijei, afirmando que não havia nada nesse momento que eu tivesse mais certeza do que isso.

Ele passou a mão em meu rosto e afagou minha bochecha. Foi um carinho tão doce que me fez derreter. Depois Ethan se ergueu e me pegou em seu colo, nos conduzindo para o quarto.

Foi carinhoso e delicado ao me ajudar a me livrar das minhas roupas. E fiquei ainda mais fascinada por ele ao observá-lo se despir. A cada beijo e palavras carinhosas de Ethan, me dizendo como eu era bonita e de como ele me desejava, fazia a pouca reserva que eu tinha, desaparecer.

Ele se protegeu para me proteger, depois se encaixou em mim como duas peças tornando-se uma só.

— Ethan! — fechei os meus olhos, deleitada, quando ele finalmente me possuiu.

Eu me tornava dele, e ele se tornava meu. Eu não estive apenas pronta para me entregar a Ethan, estive esperando por ele a minha vida toda.

Foi como ter certeza de que a vida finalmente fazia sentido. Foi lindo. Foi glorioso.

~ ~ ~

O show que os The Demon's fariam seria em um dos hotéis mais luxuosos de L.A, que possuía uma linda casa de shows dentro dele. Foi lá meu primeiro contato com os rapazes da banda. Fisicamente eles não eram bonitos de tirar o fôlego, como Ethan, mas eles tinham muito charme, acho que era coisa de roqueiro.

Gostei de cada um deles e tive a felicidade de todos, aparentemente, terem gostado de mim. Minha relação com Ethan poderia se tornar muito difícil, além do normal, se houvesse entre mim e os amigos dele algum tipo de desavença, afinal, os rapazes teriam o privilégio de passar muito mais tempo com ele do que eu.

E olhando-os enquanto ensaiavam o repertório para o show, percebi que embora Ethan ostentasse a pose de lobo solitário, que não ligava para ninguém, eles se viam e agiam como uma grande família que eram. Então, me dei conta de que não seria apenas Ethan, mas tudo o que viria com ele. Esses rapazes, a música e o mundo todo.

— Eu vou ter a doce ilusão de que esse sorriso todo é para mim — disse ele ao me encontrar na mesa, onde fiquei assistindo os ensaios — E não para o careca bonitão, guardando o baixo.

— É, estive pensando se não fui um tantinho assim... — disse, unindo o polegar e o indicador em frente ao rosto dele — precipitada. Talvez eu devesse ter esperado para conhecer o restante da banda, antes de aceitar namorar com você. Eles são, uau!

Fingi me abanar, e Ethan agarrou meus braços me fazendo levantar, depois me jogou sobre seus ombros.

— Ei! — gritou Dylan, da bateria — Nós não iríamos sair para beber?

Ficamos de ter alguns momentos de diversão em um pub perto do hotel, onde eles estavam hospedados.

— Encontramos vocês lá — gritou Ethan de volta — Tenho algumas coisinhas para acertar com a Srt^a. Harrison.

— Eu sei bem o que ele quer acertar — provocou Smith, ao passar por nós.

Ainda bem que meu rosto estava pressionado contra as costas de Ethan e que meu cabelo cobria o resto, pois eu sentia meu rosto ficar no mesmo tom de cereja.

Outra lição aprendida: roqueiros têm bocas sexy, sujas e não tinham filtros para falar de sexo. Estranhamente, isso me divertia mais do que deixava encabulada.

*Here I am, rock you like a hurricane
Here I am, rock you like a hurricane*

Sim, eu amava o Rock in Roll!

Sweet Child O' Mine

Smith entrou no camarim empolgado, avisando que a casa estava lotada. Em uma noite como essa não seria diferente. Poderia ter criancinhas recitando poesia, que teria um grande público. Hoje é um dia que as pessoas querem ser livres e se divertir. É o momento de renovar as esperanças e acreditar que o ano que se inicia será melhor, que as pessoas serão melhores, que conseguiremos sermos melhores e que vamos cumprir promessas que quebramos todos os anos.

Para nós não importa se o público está mais interessado em beber e postar fotos em suas mídias sociais do que curtir um bom show, nós daríamos o melhor de nós essa noite, porque tudo o que um artista deseja é ver a casa lotada. Era tentar passar nossa energia e tentar captar outras de volta.

Mas o motivo de eu querer que esse seja um dos shows mais inesquecíveis das nossas vidas está em uma mesa reservada para nossa equipe, para nos assistir e ouvir cada música que eu cantasse essa noite.

— Annabelle Harrison — olhei para a luz que dançava entre as pessoas até iluminar minha garota, como pedi ao técnico de luz — Esse show é para você.

Não era apenas a luz, vi seus olhos iluminarem, e sorrindo, ela soprou um beijo para mim. O peguei no ar e o guardei em meu peito.

Uma canção após a outra, com a plateia gritando e vibrando com a gente, cantei para Annabelle, a garota que em tão pouco tempo tinha virado meu mundo de cabeça para baixo, mas que só fazia sentido assim.

Mas *Sweet Child O' Mine*, quis fazer apenas voz e violão. Uma versão mais acústica, e tinha meus olhos focados apenas nela a cada verso que entoava.

Now and then when I see her face
She takes me away to that special place^[13]

Finalizei a canção exatamente no momento em que o organizador da festa avisou que teria uma parada para a contagem regressiva. Pulei do palco, encurtando a distância entre mim e ela.

— Foi lindo, Ethan — disse ela, secando o canto dos olhos com os dedos.

— Você é o lugar seguro para onde eu quero voltar, Annabelle — confessei a ela.

Não era apenas um trecho da música que dediquei a ela, era exatamente como eu me sentia.

— Eu tive muita sorte em encontrar você — disse a ela, a contagem regressiva acontecendo ao nosso redor, enquanto a puxava para os meus braços.

— Eu acho que você me trouxe a Bendita Sorte — murmurou ela — Feliz Ano Novo, meu amor.

— Feliz Ano Novo, meu doce amor.

Os fogos queimavam lá fora, através da janela, mas os que realmente nos interessavam eram o que explodiam dentro de nós.

Luz, música e Rock in Roll!

Nota da autora

Se você gostou do conto, não deixe de avaliar, ficarei muito feliz em saber sua opinião.

Obrigada!

A handwritten signature in black ink, reading "Elizabeth Bezerra". The signature is written in a cursive, flowing style. The first part of the signature, "Elizabeth", is written in a more compact, rounded script, while "Bezerra" is written in a more elongated, open script. The signature is positioned diagonally across the page.

Conheça outras
obras da autora

VINGANÇA *dourada*

SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 1

VINGANÇA *dourada*

SÉRIE NOS BRAÇOS DA MÁFIA
LIVRO 1

ELIZABETH BEZERRA
Autora da Série New York e O Agente

Copyright © 2018 Elizabeth Bezerra
Copyright © 2018 Editora Bezz

Título: *Vingança Dourada*

Revisão: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação das autoras. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito das autoras.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Índice

[Disclaimer](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Nota da Autora](#)

[Sinopse](#)

[Nota](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Nota](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

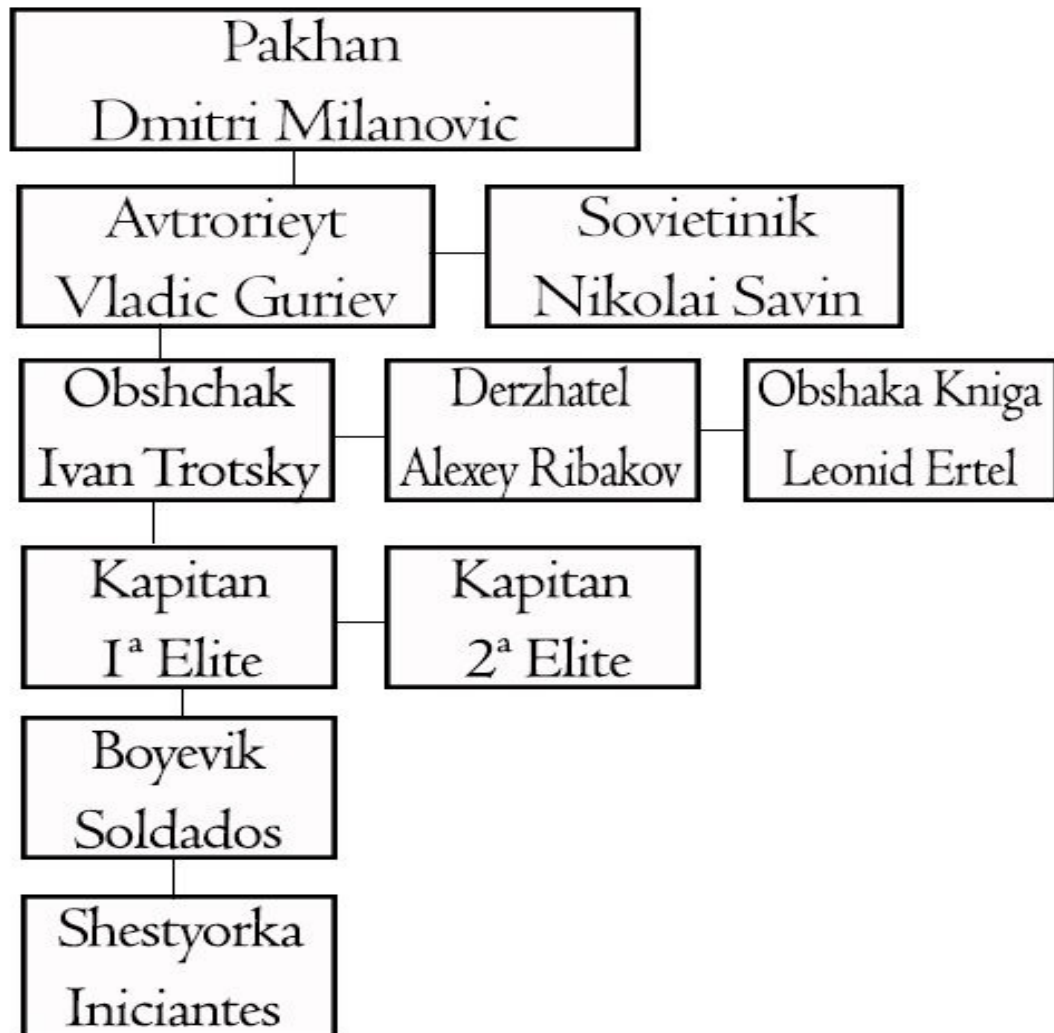
Disclaimer

Está é uma obra de ficção apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência física, verbal e linguajar indevido. Indicado para maiores de 18 anos.

Como a história se passa na Rússia, o significado das palavras estrangeiras encontram-se num glossário oferecido no início do livro.

Sobre *trademark* TM, a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-las pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

Personagens e sua ordem de importância



As famílias importantes no livro:

Milanovic

Mikhail Milanovic - Otets
Nathasha Milanovic - Mat'
Dmitri Milanovic - Sinochek

Guriev

Vera Guriev - Mat'
Vladic Guriev - Sinochek

Kamanev

Fjodor Kamanev - Otets
Olenka Kamanev - Mat'
Boris Kamanev - Sinochek
Sonya Kamanev - Doch

Smirnov

Aslan Smirnov - Otets
Lara Smirnov - Mat'
Kyara Smirnov - Doch

Glossário

Otets: Pai.

Mat': Mãe.

Beret: Boina.

Blagadaryú: Agradeço.

Daragáya: Querida.

Mílaya: Querida (sentido romântico).

Bratstvo prezhde vsego: *A Irmandade acima de tudo* (Juramento e lema da irmandade)

Kheruvim: querubim

Suka: Cadela (**suki:** cadelas)

Zavtrak: Café da manhã.

Ne: Não

Da: Sim

Sinochek: Filho.

Doch: Filha.

Bolotnik: Uma besta imunda que vive no pântano, disfarçada de monte, devorando suas vítimas.

Svolach: Idiota.

Vot eto pizdets: *Que droga!*

Pizdets: *Droga!*

Idi na hui: *Vá se foder!*

Mudak: Homem que se comporta de forma imprudente

Gandon: A palavra é usada em referência a uma pessoa desagradável, mas é bastante vulgar, pode ser usada como nome de rua para preservativos.

Zhizn 'ebet meya: *A vida está fodendo comigo.*

Ye-bat: *Porra!*

Suchka: Cadela, ou uma forma carinhosa das mulheres se xingarem tipo: Sua cretina. A palavra é mais usada entre as mulheres.

Gavno: *Merda!*

Pakhan: Chefe/Papa

Avtoriyet: Segundo em comando.

Sovietinik: Conselheiro

Derzhatel: Apoio

Obshchak: Grupo de segurança.

Obschaka kniga: secretário/livreiro.

Boyevik: Guerreiros/soldados

Shestyorka: iniciantes/associados

Pidoras: gay

Kisca: gatinha

Sirniki: sobremesa, a massa pode ser frita ou assada, recheada com queijo cottage.

Chak-chak: É feito com massa de farinha de trigo e ovos crus em forma de palitos e bolas. Os chak-chaks prontos são colocados em um prato e regados com um xarope quente feito à base de mel.

Bili: um tipo de massa de panqueca.

A Irmandade acima de tudo



Capítulo 1

Dmitri Milanovic

Moscou, Rússia

Preto. Branco. Cinza.

Era final do inverno e não apenas por estarmos saindo de uma estação fria que essas cores davam o tom ao meu dia hoje. Eu via o preto nos ternos caros dos homens que seguiam a procissão, nos vestidos de suas mulheres, nos carros elegantes que iam parando em fila no cemitério, no caixão agora lacrado, sendo conduzido ao meu lado. Via o branco nas camisas engomadas, nos lençinhos colhendo as lágrimas que as damas levavam ao rosto, nas flores nos túmulos por onde passávamos. O cinza estava no céu cada vez mais escuro e nublado. Nas folhas secas e mortas, formando um tapete no chão. O cinza estava no sentimento que carregava dentro de mim, na despedida. No adeus ao Pakhan que por cinquenta anos, manteve nossa Bratva forte, segura, protegida e próspera, e que agora cabia a mim, como seu filho, continuar o legado.

— Estamos aqui esta tarde para... — o cerimonialista iniciou as homenagens finais, mas meus pensamentos estavam bem longe de suas palavras.

Estava em duas noites atrás, quando visitei o quarto do meu pai, após uma indisposição que o levou para a cama depois do jantar. Na presença do seu *sovietnik*, de um lado de sua cama, e do médico da família na cabeceira, tive a impactante notícia que ele se encontrava fraco demais para resistir até o clarear do dia. Então, ajoelhei do outro lado de sua cama e com sua mão fraca e envelhecida agarrada à minha, recebi seu anel e fiz meu juramento como novo *Pakhan*.

“Bratstvo prezhde vsego.” A irmandade acima de tudo.

Esse era o nosso lema. Essa era a minha vida. O meu destino.

Só que diferente de uma pessoa comum, viver o luto não era uma opção para mim. Não era mais o príncipe herdeiro em treinamento, sendo preparado com exaustão, agora eu era o imperador.

Ouvi o homem finalizar, e como as pessoas em volta de mim, eu repeti as últimas palavras dele: — Que assim seja.

Pouco a pouco as pessoas foram saindo, suspiros foram diminuindo, murmúrios cessaram, o silêncio e os seguranças em torno de mim e às minhas costas tornaram-se minha única companhia diante do mausoléu que agora abrigava os meus pais.

“Finalmente juntos”, dizia a lápide que ele mandou fazer assim que os equipamentos que mantiveram minha mãe viva por meses, após ela ter sofrido um acidente de carro quando eu tinha vinte e oito anos, foram desligados. Ela esteve guardada todo esse tempo, esperando o momento em que eles estariam juntos pela eternidade.

Mikhail Milanovic foi um *Pakhan* de pulso firme, inteligente e admirável, um marido íntegro e um bom pai. Ele foi um homem honrado tanto na Bratva como no seu lar. Era meu dever seguir seus passos. E como que para cingir a profundidade desses últimos pensamentos, um raio riscou o céu, iluminando-o forte, gotas de chuva reforçaram a umidade em meu rosto.

— *Pakhan*? — um guarda-chuva foi aberto sobre minha cabeça e Vladic se colocou ao meu lado.

Vladic Guriev. Nós crescemos juntos, fomos treinados juntos e temos um laço forte de confiança, respeito e amizade. Agora ele era meu *avtoriyet*, o que faria as minhas ordens serem cumpridas e executadas. Ele também teria o poder de comandar tudo, sempre que houver a necessidade de eu me ausentar. E eu era agora o seu *Pakhan*. O chefe de tudo.

— Não é seguro ficar muito tempo — alertou ele em um tom firme, mas respeitoso.

Havia um esquema rígido de segurança para me manter protegido e homens dispostos a entregar a vida para assegurar a minha, mas ficar em um local aberto me transformava em um alvo fácil para que atiradores acertassem em cheio o centro de minha testa. Como novo *Pakhan*, podia ser tanto grandiosamente amado quanto odiado.

— Nós já podemos ir, Vladic.

Uma limusine negra me aguardava na rua quando saímos do cemitério. Não era o carro que gostava de usar. Normalmente usaria o *Lada Kalina*, mas correr por aí com um carro esportivo não era algo que poderia continuar a fazer quando quisesse. Além disso, era preciso que me portasse como a ocasião exigia.

— Como andam os preparativos para amanhã à noite? — perguntei a Vladic assim que entramos no carro.

— Nikolai garantiu que está tudo seguindo como o planejado — disse ele, buscando algo dentro do bar.

Nikolai Savin foi por anos o *sovietinik*, o conselheiro, do meu pai, agora eu quem contaria com seus serviços e lealdade. Tinha muita experiência e seus conselhos seriam tratados com respeito, como seriam bem-vindos de acordo com a necessidade, mas ao colocar no dedo o anel com nosso símbolo, as estrelas de quatro pontas, sobrepostas, bicolores em alvinegro, eu deixei bem claro que tinha minhas próprias ideias de como governar.

— Todos os *kapitany* foram convocados para a cerimônia de juramento — ele me entregou uma dose de vodka, servindo-se em seguida — Nikolai partiu mais cedo para acertar os últimos detalhes.

Toda Bratva sabia que por direito eu assumiria o papel de *Pakhan*, mas só estaria consolidado quando cada *kapitan* de Primeira e Segunda elites fizessem o juramento para mim no dia seguinte. Por hoje, lamentariam e dariam o devido respeito à morte de meu pai.

— E o que o chefe *obshchak* averiguou até o momento?

— Ivan garante que tudo continua sobre controle — respondeu ele — Todos sabem que passou anos se preparando. O posto é seu por direito e merecimento.

O que ele dizia fazia sentido racionalmente. Mas tudo estava calmo demais. Quando a coroa é passada para frente, sempre há alguns insatisfeitos e com filosofias próprias. O dever de meu *obschaka* é observar a ação dos *kapitany* de primeira e segunda elites, garantir sua lealdade e que nenhum se tornasse poderoso demais.

— Diga para que continuem a observar.

— Como quiser, Dmitri — ele reabasteceu minha dose de vodka, servindo-se um pouco mais em seguida.

Em público, sob os olhares atentos de todos, eu sempre serei seu *Pakhan*, mas nos momentos como este, que poderíamos ser apenas nós mesmos, éramos apenas Dmitri e Vladic, os garotos que cresceram juntos e se tornaram homens com grandes responsabilidades caindo sobre seus ombros.

— *Bratstvo* — disse Vladic erguendo o copo.

— *Prezhde vsego* — ergui o meu.

Tudo hoje foi branco, cinza e preto. Mas sei que em breve a cor que mais verei, a cor que mais apreciávamos ver, seria o vermelho.

Sangue.

Capítulo 2

Kyara Smirnov

Já fazia mais de quatro horas que Sonya tinha escapado pela janela do meu quarto para ir ao seu encontro furtivo e romântico. E ela tinha jurado que não levaria mais do que duas horas para ir e voltar. Eu já deveria saber que quando se tratava de Gregori Pavlov, ela nunca conseguia manter a palavra por muito tempo. Sonya sempre me colocava em confusão desde que éramos criança. Eu era mais do que ingênua por ainda acreditar nela. Era muito burra.

Então, depois de passar os últimos vinte minutos andando em círculo pelo quarto, decidi buscar algo no bar que havia no escritório na esperança de que pudesse me acalmar. Se nós duas fôssemos levar uma surra do *otets* Fjodor Kamanev, quando ele e Boris retornassem do enterro de *Pakhan* Milanovic, que pelo menos meu corpo estivesse anestesiado.

Andei pelo corredor vazio e caminhei rapidamente até a escada. Desci cautelosamente por ela, não queria encontrar algum empregado circulando, tampouco, esbarrar com Boris caso retornasse em breve.

Cresci com Sonya e Boris e fui criada por seus pais, Fjodor e Olenka Kamanev, enquanto ela esteve viva, já que meus pais foram executados por engano ao saírem de visita realizada ao casal. A casa dos Kamanev foi atacada quando eu tinha oito anos. Fui a única sobrevivente porque meu amado pai me protegeu com seu corpo dentro do carro. Eles não mereciam morrer assim. Nunca tiveram nada com a máfia. Minha mãe era pediatra e meu pai, engenheiro. A única coisa que os ligava à família Kamanev era uma amizade antiga.

E nos anos seguintes, que cresci observando como esse mundo da máfia girava, aprendi algo muito importante: você não pode estar nos dois lados. Estava dentro ou fora da Bratva. A indecisão poderia custar sua vida. Por isso que, após completar meus 21 anos e receber o dinheiro que meus pais deixaram para mim, iria embora de Moscou. Iria para a Inglaterra ou quem sabe a França. Teria uma casa pequena, mas confortável. Talvez me tornasse professora e, o mais importante de tudo, seria dona da minha vida.

Já tinha falado com *otets* Kamanev há algumas semanas, e embora ele tivesse me criado como sua filha, sabia que meus pais gostariam que eu tivesse o direito de escolha. Pela memória deles ou pelos sentimentos que sempre os ligaram, ele tinha prometido pensar em considerar meu pedido de ir embora,

quando, na verdade, esperava me ver casada em breve com algum *kapitan* de Primeira Elite. Os Kamanev eram de Segunda Elite e somente pelo casamento conseguiriam mudar sua hierarquia. E isso acontecia muito nesse meio, casamentos eram tratados como negócios. E era tudo o que eu não queria, um casamento Bratva, para isso havia Sonya e Boris. Eu nem mesmo levava o nome Kamanev.

Estava tão perdida nesses pensamentos que só me dei conta que a porta do escritório estava entreaberta e havia pessoas lá dentro quando ouvi o primeiro grito ao me aproximar.

— Eu ainda sou o *kapitan*! — *otets* Kamanev berrou. Aproximei-me um pouco mais do vão e vi suas mãos baterem contra a mesa. Ele estava de costas para mim, mas o tremor em seus ombros evidenciava o suficiente como estava nervoso — Fará o que eu ordenar, Boris!

Olhei para Boris, que estava de frente ao pai, quando se afastava, indo para a janela. O olhar frio, cheio de ódio e rancor que dirigiu antes ao pai, fez meu sangue cair alguns graus.

— Você é fraco. Todos os Kamanev são fracos — disse ele rangendo os dentes — Por isso nunca deixamos de ser Segunda Elite e nunca chegaremos a *Pakhan* se continuamos subservientes.

— Existe uma hierarquia, *sinochek*, porque toda organização precisa de suas leis e regras — disse Fjodor em um tom mais brando — Dmitri é o herdeiro e como jurei lealdade ao pai dele há cinquenta anos, fará o mesmo com ele amanhã à noite. Está entendendo?

— *Da*, *otets* — ele acatou, mas os olhos ainda estavam ardendo de raiva — Como quiser. Afinal, o senhor ainda é o *Kapitan* Kamanev.

Senti algo como um pressentimento ruim envolver meu coração ao ouvir as últimas palavras amargas. E foi esse sentimento ruim que fez eu me afastar da porta, correndo de volta em direção ao meu quarto. Abri a porta atrapalhada e me encostei contra ela.

— O que aconteceu? Você parece ter visto um *Bolotnik* — Sonya surgiu da cama, onde retirava suas botas pretas — *Otets* descobriu que fugi?

— Não, mas foi por pouco — resmunguei saindo de contra a porta — Duas horas, Sonya. Você disse que só levaria duas horas.

Ela sorriu e foi até debaixo da cama pegar suas roupas escondidas. Tinha fugido pela janela vestida toda de preto, usado um *beret* para esconder a cabeleira. Nós tínhamos a mesma altura e quase o mesmo porte físico, contudo, eu tinha curvas mais generosas do que ela. E os cabelos poderiam facilmente nos entregar. Enquanto Sonya possuía os fios prateados na altura dos ombros, os meus eram longos e dourados. E os olhos dela também eram de um tom mais

escuro de azul.

— Gregori não me deixava ir embora.

— E você não quis que ele te deixasse.

— Um dia se verá apaixonada e — resmungou ela — entenderá como é se sentir assim.

Conhecia a força de amar alguém, vi isso em meus pais e por acreditar em algo tão grandioso como o amor, sempre cedia e ajudava Sonya. Mas ela se apaixonava e desapaixonava mais rápido do que trocava de roupa. Na verdade, eu via isso mais como uma forma de se rebelar. Ela sabia que chegaria o momento que seu pai selaria o destino dela. E por isso eu sentia pena.

Se Gregori Pavlov fosse mesmo o grande amor da vida dela, como proferira nas últimas semanas, jamais teria permissão para pedir sua mão em casamento. Ele não passava de um *boyevik*, um soldado recebendo ordens de seu pai, o *Kapitan Kamanev*.

— Se ama mesmo Pavlov, sabe que logo você terá que fazer uma escolha — eu a alertei porque estava preocupada com o que pudesse acontecer se seu romance proibido fosse descoberto.

— Papai já não é o mesmo, Kya — disse ela com total segurança em suas palavras — Está velho e o coração mais maleável.

— Mas e Boris? Ele nunca permitiria isso, Sonya.

O irmão de Sonya era ambicioso, violento e cruel. Boris seria capaz de qualquer coisa para ter seus objetivos alcançados, notei esse traço nele desde criança. Embora há pouco mais de dois anos viesse me tratando com muito mais gentileza do que tratava na infância, preferia ficar sempre o mais longe possível dele. Havia algo no olhar de Boris e, principalmente, na forma como olhava para mim, que eu não gostava.

— Eu posso negociar com ele. Se ajudá-lo a ter algo que ele quer, pode me dar o que quero em troca.

Amei Olenka como uma *mat'*, foi eu que cuidei dela durante a doença que a tirou de nós o ano passado. E Fjodor, do seu jeito, foi um bom *otets* para mim. Também tinha um carinho especial por Sonya, mas não podia fechar meus olhos, os Kamanev tinham uma forma extremamente egoísta de conseguir o que queriam.

Senti mais uma vez algo como um pressentimento ruim. Barganhar com Boris seria o mesmo que convidar um *bolotnik* para um chá no jardim.

— Não brinque com seu irmão, Sonya. Ouvi Boris discutindo com o pai agora há pouco — informei a ela — Discordavam sobre o juramento de amanhã à noite.

— Boris acha errado que Dmitri Milanovic seja o novo *Pakhan* — disse

ela, deixando-me surpresa.

Sonya nunca foi muito chegada ao irmão, pois ele sempre exerceu sobre ela o direito de controlá-la. Por que agora andavam trocando confidências? Boris dizer que era contra o *Pakhan* Milanovic era uma transgressão gravíssima, punível com a morte.

Eu nunca cruzei com o herdeiro Milanovic e nem sabia como ele era, mas vi seu pai algumas vezes. Um homem bonito de olhar frio, mas corria a notícia que conseguia ser justo com quem era leal à irmandade. Dmitri Milanovic seria a terceira geração de *Pakhan* e, ao que tudo indicava, todos os *kapitany* estavam satisfeitos que assim continuasse.

— Meu irmão disse que ser *Pakhan* deve ser por merecimento e não hereditário — continuou Sonya ao desfazer a trança em seus cabelos.

— Pelo que sei, Milanovic passou anos se preparando para isso.

— Mas não é o que o Boris pensa — disse ela, vindo até mim com olhar preocupado — Nunca conte isso a ninguém, entendeu, Kya?

A quem eu poderia contar? Não tinha muitas amigas fora de casa. Roman, o filho do jardineiro, o único rapaz que um dia confessei interesse, Boris mandou executar, fazendo parecer um acidente. E o jovem só tinha confessado seus sentimentos por mim e beijado meus lábios em meu aniversário de dezesseis anos. Depois desse dia, evitava todos os homens, temendo que outro pudesse ter o mesmo fim. Apesar de não ter sido minha culpa, que Boris fosse o insano, eu a sentia. Foi depois disso que comecei a olhar Boris de uma forma diferente e passei a evitá-lo sempre que podia. Mas vivendo na mesma casa, isso era impossível.

E esse era um dos maiores motivos para desejar que Fjodor me libertasse ao completar meus vinte e um anos. Ele não ficaria entre nós para sempre. Era isso ou me casar com algum *kapitan* que ele escolhesse.

— A quem eu diria, Sonya? — caminhei trêmula até a cama — Isso só pode terminar em um banho de sangue. Se você ama mesmo o Gregori, acho que devem fugir. Posso ajudar vocês.

— E vivermos nos escondendo ou sendo caçados? — ela riu amargamente, continuando a insistir no assunto — Não, Kyara. Se há algo que aprendi com meu pai foi a negociar. Ajudo Boris no que ele quer e, em troca, tenho a permissão de ficar com Gregori.

— E como você planeja isso? — indaguei cada vez mais alarmada, o que Boris tinha de crueldade implacável, Sonya tinha de imprudência — Seduzir Milanovic e o matar quando estiver dormindo? Assim Boris ocupa o lugar dele?

— Não tinha pensando sobre isso — Sonya abriu um sorriso que me deixou consternada — Até que poderia ser uma boa ideia, embora tivesse

imaginado outra coisa.

— Subir ao comando por traição não é melhor e mais digno do que a hierarquia — tentei alertá-la — Muito menos honroso. E todos sabem como os Milanovic são em relação a isso. Se Dmitri for igual ao pai cinquenta por cento, será o fim da família Kamanev e qualquer um que se aliar a essa ideia estúpida.

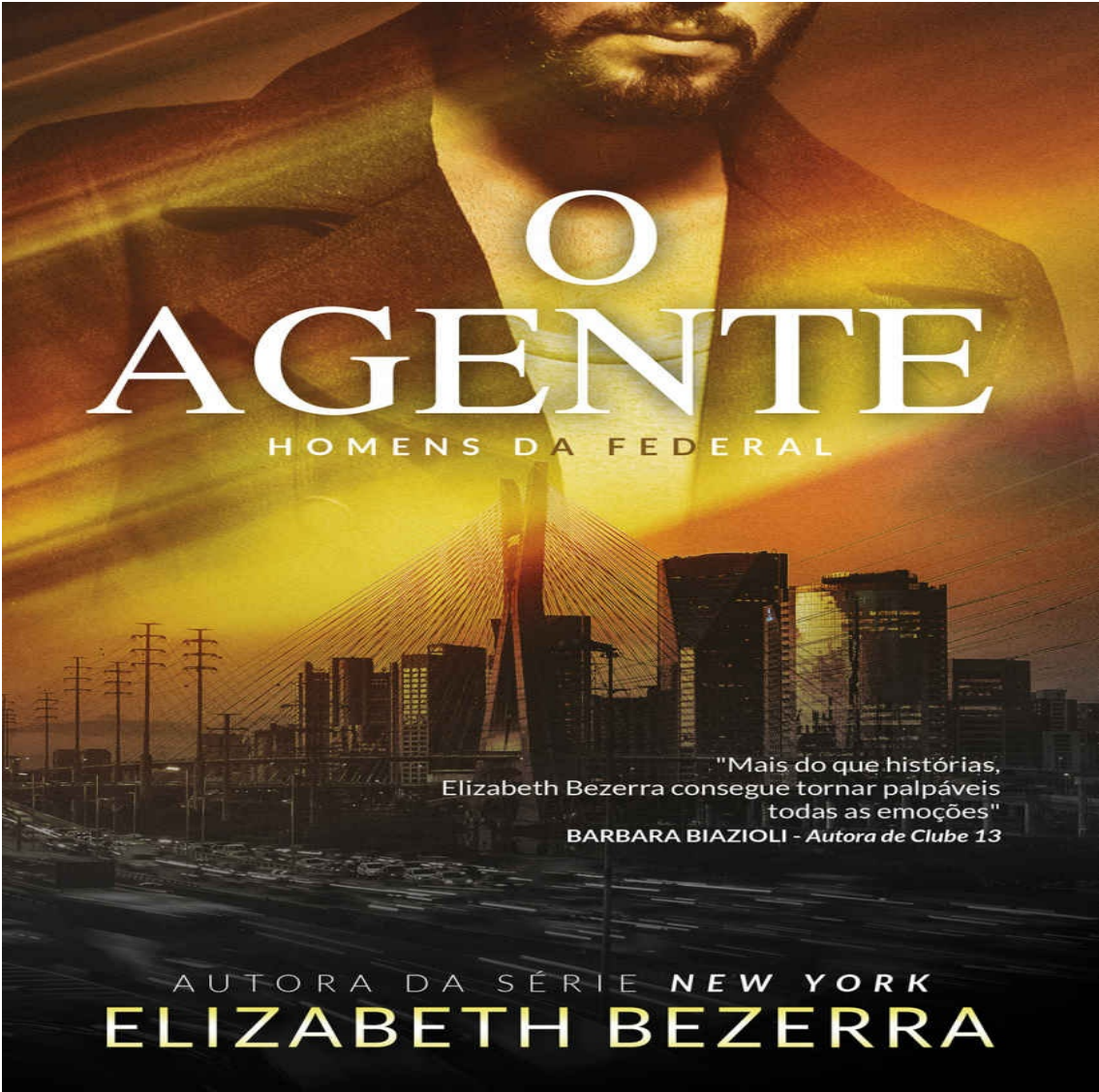
Ela enrolou suas roupas uma na outra e sacudiu os cabelos caindo nos ombros.

— Isso não me importa — disse ela, indo em direção à porta — *Pakhan* por direito ou pela força, não é uma decisão que compete a nós. O que me interessa é o que eu posso conquistar com essa guerrilha idiota. Não temos direito a nada, Kyara. Somos apenas princesas trancadas em lindos castelos como esse. E luto com as armas que me são dadas.

Ela tinha razão sobre como as mulheres dentro da Bratva eram enxergadas. Ou como as mulheres dentro da família dela eram enxergadas. Éramos bem cuidadas e tínhamos quase tudo o que poderíamos desejar, menos liberdade e direito de escolha. Éramos como joias polidas, sendo tiradas e colocadas de volta à caixa após o uso.

Bonitas. Frias. Caras.

Eu não queria ser assim. Eu não era assim. Meu corpo, coração e alma seriam oferecidos ao homem que eu viesse a amar e escolhesse para ficar ao meu lado. Precisava ter uma nova conversa com Fjodor Kamanev e ter garantida a promessa sobre a minha partida, antes que fosse tarde demais para mim.



O AGENTE

HOMENS DA FEDERAL

"Mais do que histórias,
Elizabeth Bezerra consegue tornar palpáveis
todas as emoções"

BARBARA BIAZIOLI - *Autora de Clube 13*

AUTORA DA SÉRIE NEW YORK

ELIZABETH BEZERRA

O

Agente

Homens da Federal

O

Agente

Homens da Federal

Elizabeth Bezerra

Nota

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora, mas acontecimentos reais e pesquisados foram usados como inspiração para a composição da história. A autora usou de licença poética para elucidar algumas situações e assim dar mais dinamismo ao livro.

Prólogo



Rio de Janeiro

Leonardo Valença

Eu ia mesmo fazer aquilo? Subir o morro do Juarez, no Rio de Janeiro, com as UPP's, mas não para auxiliar na recuperação de um território ocupado por traficantes e milicianos, mas para resgatar uma jovem sequestrada pelo traficante que comandava a favela?

Sim. Eu iria. Porque não havia nada que eu desprezasse mais do que o forte tentando subjugar o mais fraco, a corrupção, a desonestidade e a crueldade contra inocentes. Aquela garota tinha quase a idade da minha prima, Íris. E foi pensando nela que decidi fazer parte desse plano maluco, talvez até suicida.

Mas eu não consegui ficar indiferente à história da brasileira, Fabiana Mendes, que há um ano fugira do Morro do Juarez, rumo aos Estados Unidos, determinada a escapar dos constantes assédios do “dono do morro”, o traficante conhecido como Caveira. Só que o destino da moça não fora um conto de fadas, como ela havia sonhado. Ela acabou indo parar em uma rede criminosa que traficava mulheres e fazia exploração sexual.

Foi nos EUA que Fabiana conheceu Peter Stone, um ex-agente do FBI, que ao resgatar um dos seus melhores amigos, sequestrado pelo próprio irmão, também salvou a jovem do mesmo cativoiro.

Responsável pela segurança dela, Peter acabou desenvolvendo um relacionamento afetivo com ela. E era em nome desse amor que o inglês, com

pinta de durão, arriscava tudo, até mesmo a própria vida, para ter de volta à amada, que havia caído novamente nas garras do traficante.

E era a partir daí que meu envolvimento com eles começava. Ao atender ao pedido de Agatha, a esposa inglesa do meu tio, a quem eu considerava como um pai, para ajudar esse bando de malucos que, ao meu ver, não fazia a menor ideia de onde estava se metendo. Ou talvez Peter e seus amigos soubessem e fossem apenas malucos, mesmo.

— Vocês estão com um pouco de sorte — elevei a minha voz para que o grupo de quatro amigos, que discutia, tivesse a atenção em mim.

— Sorte? — Indagou Peter.

A sorte é que eu nunca tive medo de bicho papão, porque o cara conseguia ser assustador sem fazer muito esforço.

— Precisam de alguém que fale inglês e português. Precisam de alguém que os coloque na favela. Alguém da polícia que forneça informações.

Não havia possibilidade alguma de o grupo bem-intencionado — e principalmente Peter, com todo aquele tamanho —, passasse despercebido entre os moradores da favela. A palavra “gringo” gritava como em uma placa em neon na testa deles. Agradecia as boas intenções, mas eles não faziam ideia do que enfrentávamos aqui todos os dias.

— Então, estão com muita sorte — finalizei.

Porque eu era esse cara. A única chance que tinham, e com toda sinceridade, não estava sendo prepotente.

— Será muito bem recompensado por isso, Sr. Valença — disse Peter.

Eu não estava ali pela porra do dinheiro, embora Agatha tivesse avisado que rolaria uma boa recompensa. Era a merda do meu país, e se alguém tinha que limpar as sujeiras que um governo criava, éramos nós, a população.

— Não faço isso pelo dinheiro — iniciei, com dureza — O crime organizado é mais do que as pessoas acham. Há políticos envolvidos nisso até o último fio de cabelo. A moça é brasileira, e como todos nós, está sofrendo por algo que não deveria. Eu estou cansado de ver minha gente sofrer. E a cada bandido desse que coloco atrás das grades, me faz me sentir um ser humano melhor.

— Obrigado — disse Peter.

Tendo isso esclarecido, expliquei rapidamente o que eram as Unidades Pacificadoras e como iríamos nos beneficiar da invasão ao Juarez, assim como o papel de cada um dentro do plano elaborado.

— Leonardo?

Estava prestes a seguir Liam, Neil e Richard para fora do apartamento, quando Peter interrompeu meus passos ao segurar o meu ombro.

— Entendo os motivos de não querer aceitar meu dinheiro — disse ele, e pela primeira vez desde que conhecia a muralha em forma de homem, pude notar sua fragilidade — Mas o que já fez e irá fazer por mim hoje... pelos meus amigos e principalmente por Fabiana, é algo que jamais esquecerei. Ela significa tudo para mim... E aqueles caras lá fora são mais que amigos, eles são minha família.

Eu conseguia entender a parte sobre os amigos. Eu tinha um melhor amigo dentro e fora da polícia. Tinha certeza que Henrique levaria um tiro por mim, e eu faria o mesmo por ele. Agora, em relação à mulher? Eu arriscaria tudo em nome do amor a uma pessoa?

— O que você precisar de mim — disse ele — a qualquer momento, e em qualquer situação, saiba que estarei lá por você.

Ele estendeu a mão para selarmos o acordo.

— Vou me lembrar disso — disse a ele.

Será que um dia precisaria da ajuda de Peter Stone, como hoje ele precisava de mim?

Essa era uma pergunta que somente o destino poderia responder.

Capítulo 1



Leonardo Valença

São Paulo

Assim que entrei na repartição, dezenas de cabeças se viraram para mim. Mulheres e homens, sendo héteros, homos, ou o que a pessoa decidisse ser. Não importava: eu me tornei o foco de curiosidade. É como se eu estivesse em exposição em uma vitrine de uma loja de doces e estivesse sendo degustado, lenta e descaradamente. Mas, como dizia minha querida e sarcástica avó, eu era um “tipão” que chamava a atenção por onde passava.

Foi assim no meu primeiro dia como agente, na Polícia Federal. Causei certo *frisson* nas pessoas interessadas e que não se esforçavam em esconder isso. Ah, também foi por esse motivo que deixei minha barba e cabelo crescerem, na esperança ridícula de que uma aparência mais relaxada, e nada convencional, pudesse desviar a atenção do meu rosto bonito, evitando assim, ser chacota dos agentes mais experientes e insuportáveis com quem eu tinha que conviver.

Por um tempo até que deu certo. As mulheres focadas do departamento — e graças a Deus essas eram a maioria — e profissionais o suficiente para perceber que eu era muito mais que um rostinho e um corpo malhado, levavam na esportiva e não faziam alarde sobre mim. Mas como em qualquer lugar que havia homens e mulheres trabalhando juntos, sempre tinha alguém interessado em uma boa sacanagem.

Mas, com o tempo e um comportamento puramente profissional, até as mais descoladas aprenderam a lidar comigo, principalmente depois que deixei de ser novidade no setor. Não me lançavam mais tantos olhares cheios de segundas intenções, embora, vez ou outra, eu ainda conseguisse ouvir um suspiro ou outro às minhas costas. Meu profissionalismo, foco no trabalho e, às vezes, cara de mal-humorado que sempre fazia quando surgiam concursos como “o cara mais gato da repartição”, também me ajudaram a manter distanciamento e me salvar de situações embaraçosas e constrangedoras. No geral, eu levava uma vida calma e discreta.

Bem, até alguns dias atrás.

Tudo começou quando meu chefe jogou na minha mesa o mandado do juiz Ricardo Moraes, decretando a prisão mais esperada do país, do deputado José Gomes, envolvido no escândalo de lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, uso de documentos falsos e tráfico transnacional de drogas, e uma lista extensa de acusações que estava sendo apurada pela Polícia Federal.

Muitas pessoas queriam sua cabeça, e eu fui o designado para levá-la em uma bandeja de ouro. Claro que, como um bom cidadão, tive o prazer em fazer isso. A grande parte da população acha que só existem corruptos na polícia. Eu não tenho muitos argumentos para desmistificar isso. Há alguns caras fazendo um belo trabalho para sujar a farda policial. Mas pode acreditar, ainda existem mais profissionais decentes do que os criminosos que se vendem. Se não fosse assim, esse país estaria ainda mais enfiado na lama.

Eu nunca tive o sonho de ser policial. Meu pai foi da Polícia Civil por 18 anos. Eu cresci vendo como essa vida era difícil para ele. E meu pai também não queria que eu seguisse essa carreira árdua, mesmo que sempre tenha o admirado e sentido grande orgulho dele.

Por isso fui cursar Engenharia. Eu me formei e consegui dar esse grande orgulho aos meus pais. Fora a última alegria do meu pai, antes de ele falecer. Entrei na polícia um ano depois, para honrar a sua memória.

Orgulhava-me do que fazia. E nunca poderia ter imaginado que aquelas malditas fotos tiradas de mim, levando um político corrupto à cadeia, fariam da minha vida um verdadeiro inferno, de uma hora para outra.

Apesar de ter odiado as consequências disso, não podia ficar me martirizando com isso. Nem fazia meu estilo, afirmei a mim mesmo, quando passei pela onda de risinhos, suspiros e tossidas irônicas ao seguir para a minha sala.

Sobre a mesa, ao lado do computador, estava o maldito jornal que alguém, de propósito, deixara ali.

"O Barbudo da Federal continua a conquistar milhares de corações pelo país."

Viro a folha contra a mesa. Aquela manchete até que fora razoável, se eu fosse comparar às dezenas de matérias e especulações surgindo sobre mim na imprensa, todos os dias. Eles eram como viciados, procurando mais uma dose. Um pouco mais de sujeira debaixo da lona do circo. O palhaço pulando no palco era eu.

Bufei, indignado.

Eu já não tinha muito respeito pelos meios de comunicação, e passei a odiar a imprensa ainda mais depois que conheci certa jornalista. Assim como na polícia, na mídia existiam pessoas boas e ruins. E tive o infeliz desprazer de cruzar com alguém bem nocivo, como a jornalista Érica Gusmão.

Jornalistas como ela provavam que o importante era o furo na notícia, não importavam os meios usados para conseguir, e muito menos se a intromissão pudesse afetar meses de investigação e trabalho duro.

Ratos de esgoto!

— Hipster da Federal, me prende que sou perigosa — ouvi a voz melosa e provocativa de Henrique, ao entrar na sala que dividíamos.

Ele balançava o celular e exibia um sorriso debochado no rosto. Henrique Rodrigues é um dos amigos mais chegados que tenho dentro e principalmente fora da polícia, mas como todo mundo no departamento, não perdia a oportunidade de encher meu saco. Eu não podia culpá-lo, jamais deixaria a oportunidade escapar se o mesmo tivesse acontecido com ele.

— Barbudo da Federal, eu lavo a jato, lavo seu carro e lavo você todinho... — ele alargou o sorriso — Com a minha língua.

Tive vontade de fazê-lo engolir o celular onde ele lia a matéria, mas isso desperdiçaria meu tempo. Seria mais eficiente pegar a arma em meu coldre e mirar no filho da puta.

— Até você, Henrique? — afundei um pouco mais na cadeira e fiz uma massagem com os dedos em minha têmpora, que já dava sinais de que uma bomba atômica logo explodiria em minha cabeça.

— Veio pelos fundos de novo? — perguntou Henrique, ocupando a cadeira atrás de sua mesa.

Pelo olhar compenetrado, me pareceu que, por um momento, ele sentiu pena de mim, mas foi só ilusão mesmo. O sorriso que seguiu provava que ele era o mesmo idiota de todos os dias.

— Cara, a quantidade de mulheres que o procura só aumenta. E hoje, a prima do agente Costa mandou te entregar um bolo.

Que, obviamente, eles já deveriam ter comido antes de eu chegar. Os desgraçados podiam zoar com minha cara, mas muitos deles se aproveitavam dos benefícios que vinham com isso.

— Seu Facebook está uma loucura, e já está conseguindo mais seguidoras no Instagram do que o Neymar.

Isso deveria ser ótimo, mas na verdade me dava vontade de desaparecer. Abrir um buraco no chão e me esconder para o resto da vida, como Bin Laden havia feito por um longo tempo.

— Vou mudar a conta para privado — disse a ele.

Levanto e afasto a cortina para olhar o movimento lá fora.

— Inferno! — vociferei, ao observar um agente falar com um trio de garotas empolgadas — Mas que porra!

Eu já vira isso antes. Na sua maioria eram juvenzinhas demais para que dêssemos alguma importância ou cogitasse olhar uma única vez. Algum agente passava um sermão nelas e facilmente as dispensava. O problema mesmo eram as "adultas" com quem eu me esbarrava, ou conseguiam furar a segurança.

Havia algumas muito bonitas, e as teria em minha cama com facilidade, mas eu achava a maioria delas, no mínimo, um pouco maluca. Essas mulheres queriam apenas os holofotes da fama momentânea que eu trazia. O real interesse em mim era serem vistas ao lado do cara mais comentado do momento.

Não que eu tivesse inicialmente sido santo o tempo todo. Aproveitei algumas oportunidades que surgiram. E eu via como uma troca justa. Mas a brincadeira deixou de ser divertida. Eu precisava de paz para manter a cabeça focada no trabalho, e havia muitas coisas a serem feitas ainda. E a maldita repercussão em torno de mim me mantinha afastado de algumas operações que considerava importantes.

— Eu estou parecendo um daqueles caras da banda que sua sobrinha gostava...

— One Direction? — disse ele, entortando os lábios com desgosto.

A sobrinha de Henrique e suas amigas adolescentes foram fascinadas por esses rapazes, por anos. Uma vez até nos obrigaram a levá-las para um show de uma banda cover. Ele queria que a sobrinha gostasse de bandas como Guns N'Roses ou Iron Maiden, mas a geração de hoje, segundo ele, não sabia curtir uma boa música.

— Agora ela curte alguns coreanos. Uns tais de Du-pop.

— É K-pop, imbecil — corrigi, sentindo prazer em tirar onda dele pela primeira vez no dia.

— Tá sabendo muito dos coreanos. Sempre soube que gosta de segurar nos palitinhos. Que seja. Esqueça a minha sobrinha. Cara, você não sabe a sorte que

tem — disse Henrique, empolgado. Sério, se eu tivesse um babador, ofereceria a ele — As mulheres já caíam aos seus pés, agora elas despencam. Você deveria parar de reclamar e aproveitar tudo isso.

Uma parte de mim sabia que ele estava certo. Toda essa confusão um dia iria acabar e eu voltaria a ser apenas Leonardo Valença, um simples agente da Polícia Federal. Meus dias distribuindo senhas e selecionando a mulher que quisesse, sem muito esforço, chegaria ao fim. Mas as coisas não eram tão simples como Henrique acreditava.

Eu sabia e podia usar muito meu pau, mas como qualquer ser humano, eu tinha sentimentos. Não que me considerasse um cara romântico, à procura do amor, nada disso. Eu gosto de sexo e de caçar. Eu gosto do lance da conquista, os olhares que dizem tudo, a dança sensual que antecipa uma noite de foda suada. Eu curto todo o processo. Sexo com qualidade, mesmo que seja casual, e uma boa companhia, acima de tudo. E não um bando de desvairadas me seguindo o tempo todo, achando que sou o príncipe dos tempos modernos.

— Henrique, essa merda está muito foda — eu parecia um garotinho que acabou de sair do teste de recuperação na escola e que, em vez de ter passado o dia anterior estudando, havia desperdiçado o tempo no Xbox — Tem mais de uma semana que não sei o que é sexo, e falando sério, não vou arriscar com uma dessas doidas. Já sonhei com uma delas com o meu pau nos dentes, não de um jeito sexy. A maldita parecia um zumbi do The Walking Dead.

Como era de se esperar, Henrique caiu na risada. Outra grande frase da filósofica dona Maria, minha avó: "pimenta no cu alheio é frescor".

— Olha. É sexta-feira — fechei a cortina e voltei para a minha mesa — Eu só queria ir ao Casarão e me distrair um pouco dessa loucura que se tornou a minha vida.

O Casarão era uma casa noturna que, às vezes, frequentamos quando estamos de folga. O lugar era luxuoso e bem caro. E só temos entrada VIP, porque já fizemos alguns bicos de segurança e ajudamos o dono algumas vezes. Nada ilegal, mas isso nos garantia entrada fixa.

No entanto, só íamos de vez em quando. Para um homem solteiro, o salário que tinha na PF era muito bom, mas o Casarão era uma extravagância que não poderia arcar periodicamente. Os frequentadores de lá eram realmente alto nível.

— Estou de plantão esse fim de semana — Henrique me deu um olhar desanimado — Mas você pode passar lá, já que está "de férias".

A maioria dos meus casos e trabalhos haviam sido passados para ele ou para outro agente. Outro grande problema que essa exposição na mídia me trouxe. Era quase impossível entrar em qualquer lugar sem que me reconhecessem e pedissem para tirar fotos.

— Eu? O cara que está fugindo da metade do país, ir para uma casa noturna cheia de gente? Passou no Narcótico e usou tudo o que havia lá? Está cheirando pedra, em vez de fumando?

Claro que o uso correto da droga não era esse. Ninguém ficava doidão cheirando pedra, você tinha que diluir e fumar. Mas era uma forma — talvez um pouco escrota — de dizermos ao outro que agia como um idiota.

— No seu lugar, seria exatamente isso que eu faria — ele resmungou — Mas, cara, você precisa mesmo se distrair e tirar essa tensão. E você já conhece metade das mulheres que frequentam o Casarão. Não é novidade para elas, não agirão como as malucas gritando por você na entrada.

Eu duvidava. As garotas do Casarão me conheciam, mas eu vinha com um bônus agora – fama. Eu queria o desafio. Queria me sentir empolgado, mas estava receoso de que lá não pudesse encontrar o que precisava.

— Vou acabar é sendo expulso de lá.

O jeito era acabar a noite com um balde de pipoca, e o mais próximo de sexo que chegaria seria vendo filmes em um site pornô.

— Sabe o que eu acho? Sua força está nessa barba e nesse cabelo — disse ele, com toda certeza do que falava — Sabe, que nem Sansão e Dalila?

Eu acho que entendi onde ele queria chegar, só não estava gostando.

— Tire essa barba, corte o cabelo e pronto, todo o poder desaparece. As pessoas te reconhecem porque é algo como uma marca.

Fazia sentido de novo, e novamente não era algo que me agradava. Gostava da minha barba, me acostumei a ela, e cortar o cabelo, nem em sonhos. Eu os tenho compridos desde meus 14 anos, quando acalentei o desejo de ser guitarrista de uma banda de rock.

— Você acha mesmo? — perguntei, coçando meu queixo barbudo — Sobre a barba?

O cabelo poderia manter preso, como sempre fazia.

Henrique deu de ombros e empurrou para mim um dos jornais em cima da pilha em minha mesa.

"O barbudo da Federal: quem é o homem que está mexendo com a cabeça das mulheres do país?"

Gemi ruidosamente antes de jogá-lo no lixo.

Tinha de admitir, a barba era minha marca.

— Pensarei sobre isso — disse a ele — Agora chega de falar sobre mim. Como anda o caso?

Henrique abandonou todo ar descontraído e debochado. Quando falávamos

de trabalho, nos transformávamos em outras pessoas.

— Um novo nome foi adicionado à lista — ele destrancou a gaveta em sua mesa, de onde tirou uma pasta — Esse é um pequeno dossiê sobre o senador Luís Morais Alencar e a família dele. E pelo que estamos apurando, ele é a chave que abre muitas portas.

— Alencar é o dono da A.L. Cosmética, não é?

Henrique assentiu com a cabeça.

A A.L. Cosmética estava sendo investigada por simulações de importações e exportações, com o único propósito de receber e mandar dinheiro para fora, baixo comércio de produtos ou serviços reais, além de facilitar a entrada de drogas sintéticas no país. Quem poderia imaginar que, em alguns lotes das caixas de cosméticos de uma das empresas nacionais mais importantes, outras coisas eram transportadas?

— Luís Alencar está sujo até o pescoço — disse Henrique, enojado — Quando penso que estive o tempo todo em nossas vistas...

Eu entendo a frustração de Henrique, por termos deixado o senador passar ileso por tanto tempo. Mas investigar era como descascar uma cebola apodrecendo. Quanto mais camadas ruins você tira, mais podridão continua a surgir.

No início, a investigação contava apenas com três policiais: meu superior, Aldo Dias, Henrique e eu. E prosseguiu de forma discreta, durante vários meses. Depois de analisar milhares de operações bancárias, nós três vislumbramos um esquema de proporções gigantescas, com suspeitas crescentes sobre a implicação de altos executivos de empresas e nomes políticos de peso, citados sempre que os depoimentos dos arrependidos eram negociados.

Eram bilhões, desviados e lavados. O dinheiro provinha principalmente do tráfico de drogas, do contrabando de diamantes e do desvio de recursos públicos. De três policiais, passamos para mais quatro delegados e doze agentes.

— Ele está no radar agora. Você vai conseguir pegá-lo, Henrique.

Pensar na A.L. e no senador talvez fosse a distração que eu precisava. O problema é que havia recebido ordens para ficar alguns dias longe da ação.

Uma batida na porta nos interrompeu, e Miguel Ferreira, um agente que nem eu e Henrique gostávamos muito, surgiu à porta.

— Rodrigues? — Miguel olhou sarcasticamente para mim antes de se dirigir a Henrique — O delegado quer falar conosco.

Henrique voltou a trancar a pasta antes de levantar.

— Ouvi dizer que você vai virar modelo de cueca, Valença — gracejou Miguel — Isso aqui nunca foi mesmo lugar para você.

Senti uma imensa vontade de dar um belo soco na cara dele. As pessoas

tendiam a achar que uma boa aparência abria todas as portas. Em alguns casos era verdade, mas em outros casos, como o meu, só vinha para atrapalhar. E eu dei duro para provar que era mais que um rosto bonito e um corpo bem trabalhado.

— Algumas pessoas sabem e têm competência para ganhar dinheiro de forma honesta, não é, Miguel? Melhor despir a roupa do que o caráter.

Eu não possuía provas contra ele, mas sabia que fazia favores e ganhava propina aqui e outra ali. Miguel era uma das frutas podres que manchava o uniforme.

— O que você está querendo insinuar? — ele se enfureceu, caminhando até mim.

— Não faço insinuações — fiquei de pé — Estou dizendo...

Henrique se colocou no caminho entre nós dois e pôs a mão no peito de Miguel.

— Chega disso — ele empurrou o agente — O chefe quer falar com a gente. Vamos ver o que ele quer.

Antes de atravessar a porta, Henrique retornou dois passos e fez sinal para que eu me acalmasse. Normalmente, tentava ser um cara controlado e até mesmo frio para lidar com as provocações de Miguel, mas terem me "afastado" das investigações principais para o meu "próprio bem", e da operação, além de todo esse circo ao meu redor, vinha tirando minha paciência. Principalmente porque Miguel fora colocado temporariamente em meu lugar.

— Eu vou falar com o delegado sobre você retornar — informou Henrique — Enquanto isso, ignore esse idiota. Vá relaxar essa noite. É sério, Leo. Você precisa de uma folga, e eu vou precisar de você em breve.

Eu precisava manter a cabeça fria. Sair aos socos com o Ferreira não iria provar ao meu chefe que poderia voltar à ação.

— Farei o possível, Henrique — grunhi, retornando à minha cadeira.

— Não. Você fará o necessário — assegurou ele — Sempre faz.

O necessário agora era me livrar da pilha de trabalho burocrático acumulado em minha mesa.

Ir ao Casarão essa noite talvez não fosse uma má ideia.

Capítulo 2

Gisele Alencar

Faz apenas uma semana que eu voltei ao Brasil e tudo à minha volta estava uma verdadeira loucura.

Para começar, eu nem queria estar aqui. Ignorei o quanto pude os pedidos insistentes de minha mãe para que voltasse para casa, após a conclusão do meu curso fora do país. Mas seus novos argumentos e novas súplicas foram convincentes demais para que eu conseguisse ignorar.

Além disso, não existia mais nada na Europa que pudesse me manter por lá. Até meu relacionamento, de pouco mais de um ano, fora por ladeira a baixo. No entanto, retornar ao meu verdadeiro lar não significava felicidade para mim. Estaria amargamente arrependida se meus pais realmente não precisassem de minha presença.

Minha mãe possuía sérias suspeitas de que meu pai a traía com uma jovem com idade próxima à minha. E os negócios de meu pai, como sua carreira política, pareciam estar enfrentando problemas. Meu pai garantia que a crise no casamento era uma fase que seria superada e que as desconfianças de mamãe eram descabidas. Sobre os negócios, dizia que eu não precisava preocupar minha cabeça, mesmo eu tendo cursado administração ao invés de Letras, como queria, para atender ao pedido dele. Sobre política, isso sim, eu não fazia questão de ter nenhum contato.

Através do meu pai, que é senador, conheci pessoas bastante desagradáveis. Pessoas que pensavam apenas em seu benefício próprio e que não sentiam remorso de estar prejudicando a quem deveriam estar ajudando.

Eu nunca quis que meu pai entrasse para a política. Mas sentia orgulho que ele quisesse gastar energia e tempo para ajudar o país e às pessoas que realmente necessitavam. A parte ruim era o que vinha com isso. Tínhamos um padrão de vida alto, devido às empresas da família, mas com a política e o cargo de senador do meu pai, e talvez uma possível candidatura a governador, vinham o glamour e o prestígio.

Ter de lidar com o meu rosto e meu nome nas revistas de fofocas, além dos círculos sociais, não era para mim. E foi o que me levou a ir estudar fora. Lá eu conseguia ser apenas a Gisele.

Eu sempre fui bastante tímida. Preferia livros e os meus gatos, às pessoas. E odiava os eventos sociais que eu era forçada a participar. Era um sacrifício

parecer sofisticada e ter que sorrir forçadamente para as câmeras.

— Vai, Gisele! — Luana, a minha grande e a única amiga de verdade, que deixei no Brasil para estudar fora, se encontrava ajoelhada na cama, fazendo uma prece com as mãos — Você acabou de voltar. E precisa de um momento de folga e diversão, para fugir disso tudo. Vem comigo, por favor.

Ela fez aquela cara de cachorro abandonado e faminto, olhando a vitrine de padaria. Era muito difícil conseguir ignorar as loucuras de Luana, quando ela apelava para o lado sentimental e chantagista.

— Luana, minha mãe está tentando lidar com tantas coisas. E nem consegui conversar com meu pai direito, desde que cheguei. Ele está sempre rodeado dos advogados dele — tento fazer com que ela me entenda — E essa casa é um entra e sai de gente esquisita, que nem sei se voltei para o lugar certo. E ninguém me conta nada do que está acontecendo. Procuro nos jornais, mas só vejo especulações, mesmo assim, não tenho gostado do que leio. Sinto que as coisas estão se complicando.

Luana bufou e olhou de cara amarrada para mim.

— É como você disse, tudo isso não passa de especulação, Gisele. Acha mesmo que o tio Luís seria desonesto? O seu pai? — ambas chamávamos o pai da outra de tio.

Balancei a cabeça, em negativa. Eu nem poderia pensar em algo como isso, meu pai sendo corrupto.

— Ele já era rico quando virou deputado e depois senador — continuou Luana — Vocês nunca precisaram de dinheiro, minha amiga.

Talvez de dinheiro, não, mas papai sempre foi um homem ambicioso. Que pensava grandemente. Meu avô, quando vivo, sempre dizia que isso poderia ser tanto uma qualidade quanto uma maldição. A fome de poder poderia cegar as pessoas.

— E seu pai está cuidando de tudo com os advogados dele. Não há nada que você possa fazer, pelo menos, não agora — disse ela — É realmente pelos seus pais, ou Brian tem algo a ver com isso? Não é por causa dele que não quer sair um pouco de casa, para se divertir?

Quer convencer alguém a fazer o que não quer? Ou pelo menos eu? Coloque o dedo na ferida. Luana me conhece muito bem, para saber que esse seria o gatilho necessário para conseguir me abalar e sacudir um pouco. Brian era um assunto que eu queria encerrar em minha vida. Mas, sim, ele deixara meu coração abalado ao me trocar por uma modelo russa.

— Não é pelo Brian. Eu só... — respirei fundo, não querendo me lembrar da forma humilhante que ele me tratou — Não sei. Acho que não estou no clima.

— Mas você está finalmente de volta. Eu sou sua melhor amiga e estou

com saudade — insistiu Luana, voltando a afinar a voz e fazer biquinho — Só por uma ou duas horinhas, e se você não estiver se divertindo, eu juro que a gente volta.

Eu não tinha muitos amigos em São Paulo, não tão sinceros e fiéis como a Luana. E ainda havia essa nuvem negra em cima da minha família, que poderia fazer os poucos conhecidos quererem se afastar. Talvez eu não tivesse outra oportunidade no futuro, de ter apenas uma noite divertida com alguém que eu gostava.

— Tudo bem — dei-me por vencida ao me jogar na cama ao lado dela — E para qual lugar nós vamos?

Podendo soar egoísta, não dava tanta importância à situação dramática no casamento dos meus pais. Eu também achava que minha mãe andava vendo coisas onde não havia. Papai nunca se mostrou um homem mulherengo. Sobre a empresa e a política, pelo menos essa noite não havia nada que eu pudesse fazer. Não até pressionar meu pai e insistir para que ele parasse de dar tapinhas na minha bochecha e insistir que tudo estava sendo resolvido.

— No Casarão. Sempre quisemos entrar, lembra? — ela bateu palmas — Agora já temos idade suficiente. Além de entrada VIP.

O pai da Luana é contador, e o dono do Casarão é um dos clientes dele. Ela assegurou que, por causa disso, nosso acesso à casa noturna seria tranquilo e que não passaríamos pela confusão e multidão de pessoas na porta. Entraríamos por um acesso particular. O que me deixou bem mais aliviada. Alguns jornalistas vinham querendo uma exclusiva comigo, sobre as especulações que envolviam meu pai.

— Certo, então me ajude a escolher uma roupa — disse a ela, e logo estávamos conversando, animadas, sobre o lugar.

O Casarão era uma antiga mansão reformada, localizada no Itaim Bibi, em São Paulo, além de ser um dos locais mais disputados da alta sociedade paulistana.

Na época do colégio, vários amigos e conhecidos nossos falsificavam identidade para entrar. Luana e eu nunca tivemos essa coragem.

Quando chegamos lá, reservei alguns minutos para admirar o local. No andar superior havia quatro camarotes, com espaço para até 15 pessoas. No andar inferior concentrava a maior pista de dança, e circulando as paredes, alguns sofás de couro branco e mesas curvadas de vidro em frente a eles. No bar, diversas taças despontando do teto e uma estante gigante com uma incontável variedade de garrafas e bebidas. Já vi casas noturnas parecidas na Europa, e acredito que o estilo e inspiração na decoração tenham vindo de lá.

Quase uma dúzia de barman fazia mágica para os clientes. No centro do

grande salão, luzes multicoloridas giravam, iluminando as pessoas que se agitavam na pista de dança ao som de Lady Gaga.

— Vamos pegar uma bebida e tirar essa sua cara de emburrada. Você está espantando os caras mais gatos — gritou Luana, em sua invejável empolgação — Hoje nós não sairemos sozinhas daqui, meu bem.

Eu havia concordado com beber e dançar. Mas poupei o meu tempo em dizer que não estava interessada e nem pretendia sair acompanhada de algum cara gostoso, mas desconhecido. Passei da fase adolescente em que sair de uma festa sem ter ao menos beijado um garoto era sinal de fracasso. E devo dizer que, devido à minha timidez no passado, esse foi um sentimento que amarguei muitas vezes.

No entanto, entendia e agradecia a preocupação de Luana. Ela não era promíscua como aparentava, ao dizer que devíamos sair à caça de homens. Luana se preocupava comigo e com a fase difícil que venho enfrentando. Ela só queria que eu relaxasse e curtisse um pouco.

Tudo bem que eu não desejava mais complicação em minha vida nesse momento, mas não significava que eu tivesse que bancar a amiga mal-humorada, impedindo uma de nós duas de se divertir. Um pouco de música e bebida não fariam mal nenhum a mim, e eu também amo dançar, mesmo que não faça muito isso.

— Ah, Gisele. Se solta e apenas aproveita — pediu Luana — Paquerar não tem nada de mais.

Eu sabia que ela estava certa. Sempre achei a parte da sedução mais atraente do que a conquista em si, então, não seria o fim do mundo se decidisse, no decorrer da noite, apenas admirar e flertar com alguns homens bonitos, que certamente ela iria me apresentar.

— Vamos beber — sugeri a ela, e fomos para o bar.

Pedi uma batida de morango, para começar a noite. Luana foi mais corajosa e pediu logo dois *shots* de tequila. Nós bebemos, dançamos e até encontramos alguns de nossos antigos amigos. Mas a minha sorte, como tudo em minha vida, parecia estar começando a mudar.

— Oh, não, que merda! — resmunguei, baixando a cabeça, na esperança de conseguir ocultar o meu rosto das luzes piscando.

Estaquei no meio da pista, e se meus reflexos não tivessem sido mais rápidos, teria derrubado minha bebida em cima do vestido prateado de Luana.

— Olha quem está em nossa mesa — disse ela, apontando com o copo.

Em tantas boates existentes em São Paulo, a única pessoa que não queria ver em todo o planeta, escolheu justamente o mesmo lugar onde eu estava.

— Você se lembra da Érica Gusmão? — perguntou ela, indicando a loira

voluptuosa em um vestido vermelho, que conversava com o pretendente de Luana essa noite.

Como poderia esquecer a garota mais popular do colégio e que teve o prazer de fazer da minha vida escolar um inferno?

— Sabe aqueles filmes da sessão da tarde, em que a garota mais popular e malvada da escola acaba ficando feia? — questionou Luana — E a mocinha que usava aparelho nos dentes e era desengonçada retorna muito gata?

— Não sei se vi esse filme — murmurei, antes de beber metade do drinque em meu copo.

— Pois é. Você está gata, amiga, mas essa daí nunca será feia — disse Luana, com um tom de desagrado em sua voz — Bem, pelo menos não por fora. Ela agora trabalha em um jornal, sabia? E por isso se sente mais importante do que realmente é.

Eu quis desaparecer. Na verdade, sair correndo, e teria feito exatamente isso, se a saída não estivesse duas mesas após a nossa. O que me obrigaria a passar pela Érica de qualquer jeito.

— Haja com naturalidade ou a ignore — sugeriu Luana, quando voltamos a nos aproximar do nosso pequeno grupo — Talvez ela não te reconheça ou nem lembre mais de você.

Lancei a ela um olhar descrente. De todas as pessoas no Casarão, Érica seria a única que me reconheceria a quilômetros. Primeiro, que ela não se esqueceria da patinha que ela gostava de atormentar, e segundo, que deveria estar por dentro do que acontecia com meu pai. Sendo jornalista agora, tinha um prato cheio para continuar a transformar minha vida, assim como a minha noite, em um desastre.

— Olha, que surpresa! — Bingo! Érica uniu as mãos e nos brindou com um sorriso amigável, que destoava dos seus frios e bonitos olhos verdes — Luana Correia e Gisele Alencar. Quanto tempo eu não as vejo...

— Na verdade, nos encontramos na festa da... — iniciou Luana, mas a atenção de Érica se mantinha toda em mim.

— Sente-se! — Érica indicou um espaço vazio para que eu me acomodasse — Estávamos tendo um momento de nostalgia e decidimos fazer um pequeno jogo que fazíamos na escola. O que você acha, Gisele?

Érica agia exatamente como eu me lembrava dela. Como uma rainha esperando que seus súditos se curvassem às suas vontades. Era a nossa mesa, em sua maioria nossos amigos, e ela não deveria agir como se tudo girasse ao seu redor.

— Jogo? — indaguei, arqueando a sobrancelha.

Ela poderia continuar linda e autoconfiante como sempre, mas eu já não era

a Gisele que tremia com qualquer olhar maldoso.

— Sim, querida, como fazíamos no tempo do colégio — ela sorriu ainda mais — Você deve se lembrar.

Claro que eu não lembrava, e ela sabia disso. Tanto Luana quanto eu fazíamos parte das excluídas da escola. Eu nunca fiz parte dos populares e nunca fiz questão, na verdade. Meu único contato com algum deles era minha paixonite pelo namorado de Érica, e claro, a própria, que adorava me perseguir, humilhar e me fazer parecer ridícula em relação a isso.

— Não é incrível? Eu realmente ia para o colégio para estudar — sorri educadamente e circulei a mesa, sentando no único lugar vazio para acomodar minhas pernas trêmulas, mas, por azar, era de frente para Érica — Diferente de algumas garotas que abriam as pernas o tempo todo para todos os garotos que cruzavam o seu caminho, mesmo já tendo um namorado.

Luana engasgou com a bebida, na falha tentativa de segurar uma risada. As outras pessoas que ouviram o que eu disse tentaram agir como se nada tivessem escutado. Érica estreitou o olhar, olhando furiosa para mim, mas rapidamente se recompôs.

— Chama-se verdade ou desafio — esclareceu ela — Como você acabou de chegar, Gisele, terá o privilégio de começar.

Eu queria dizer que aquilo era idiotice. Erámos adultos, e não um bando de adolescentes escondidos na biblioteca da escola. Também poderia mandar Érica ir à merda. Mas eu sentia que havia, ali, mais do que uma brincadeira entre velhos amigos se reencontrando.

— E eu sugiro que escolha a verdade, querida — ela se inclinou para tocar minha mão em cima da mesa, frias como a pele de uma cobra — Nós sabemos que nunca foi muito corajosa para desafios.

Não me deixei cair na armadilha que ela queria me jogar, lembrando um fato amargo de meu passado provocado por ela, ao me humilhar diante de toda a escola.

Entendi muito bem onde Érica queria chegar ou o que esperava conseguir: arrancar de mim os podres da minha família e ter uma bela matéria para estampar no jornal de quinta, no qual deveria trabalhar.

Pois eu aceitaria o desafio, mesmo que fosse algo como dançar apenas de pompom na Avenida Paulista, do que abrir meus lábios e dizer qualquer coisa a uma jornalista sensacionalista como ela. Aliás, sendo a mulher inteligente que eu acredito ser, o que tinha a fazer era me levantar e deixar que todos aproveitassem o jogo estúpido.

Mas até as mulheres inteligentes e sensatas, como eu, carregavam dentro de si um demônio vingativo. Eu queria muito, pelo menos uma vez em minha vida,

fazer a Érica perder a pose.

Quem nunca desejou dar o troco e se vingar daquela vaca malvada da escola, nunca sofreu bullying como eu sofri.

— Você está muito por fora sobre a Gisele — a voz ébria de Luana veio em minha defesa — Ela estudou fora, meu amor. É uma mulher viajada e confiante, agora. Ficaré com o desafio.

O olhar sarcástico e duvidoso que Érica deu a Luana logo foi direcionado a mim.

— É mesmo, Gisele? Pensei que conseguiria arrancar uma ou duas confissões picantes de você. Então, quer mesmo o desafio?

"Eu quero que você vá para o inferno", pensei, antes de pegar o copo de Luana e virar o restante da bebida, que desceu queimando por minha garganta. O monstrinho da competição e o desejo de dar o troco falando cada vez mais alto dentro de mim.

— Sim, aceito o desafio.

Empinei o queixo, mas, por dentro, meu coração parecia pulsar tão alto como a música que o DJ executava. Luana sorriu para me encorajar e as outras pessoas a mesa me olharam, ansiosas.

— Certo — Érica passou os dedos nos cabelos alisados e olhou em volta — Estamos em uma casa noturna, então o desafio tem que ser algo empolgante. Desafio você a ficar com alguém.

Soltei o ar que havia prendido e relaxei. Isso não seria tão difícil assim. Homens não faltavam. Eu não fazia o tipo mulherão de parar o trânsito como ela, mas eu era e me sentia bonita. E nessa noite havia caprichado na maquiagem e completado o visual com um vestido curto e sexy, que Luana sugerira que eu usasse. Não possuía muito peito, mas as minhas pernas eram bonitas e elegantes. Bem, era o que o meu ex-noivo sempre dizia.

Encontrar alguém para dar uns amassos parecia uma tarefa relativamente fácil.

— Aceito! — abri um sorriso vitorioso.

Érica tinha uma ideia errada sobre mim. Morar fora e sozinha fez grande proveito à minha personalidade e confiança. Como não havia ninguém para julgar meus erros e acertos, passei a me permitir arriscar.

— Mas não qualquer homem — Érica tornou a colocar os olhos frios sobre mim, mas havia algo mais incutido neles.

Ela tramava algo, e na minha sede de provar que era corajosa e descolada, posso ter acabado cavando minha própria cova.

— Tem que ser alguém da minha escolha — o sorriso que ela deu fez meu coração voltar a acelerar — Isso é óbvio.

— Quando o milagre é demais, até o santo desconfia — murmurou Luana ao se espremer ao meu lado.

Claro que Érica indicaria a mim o cara mais feio ou desengonçado que haveria no local. Mas não havia problema. Seria um desafio para mim e uma noite de sorte para o escolhido. E embora não tenha vindo essa noite pensando em curtir a balada dando uns amassos em alguém, daria o melhor de mim para que o felizardo tivesse uma noite satisfatória e que não me fizesse sentir muito mal por estar, de certa forma, usando-o.

— Pode escolher quem você quiser — segui os olhos dela, que olhavam em volta do salão — Desde que não tenha um par de chifres ou uma aliança no dedo.

Eu não iria ser a causadora de dor a outra mulher, para vencer o jogo contra Érica. Sei como é amarga a decepção de ser traída e trocada por outra.

Então comecei a analisar as opções mais absurdas que ela pudesse escolher. Vi em um canto da parede, na extremidade do bar, um jovem aparentemente solitário. Ele tinha um estilo desengonçado, com excesso de gel nos cabelos. Arrumava constantemente os óculos que insistiam em deslizar, enquanto mexia nas teclas do celular. Ele parecia mais perdido esta noite do que eu, durante todo meu período escolar.

— Aquele ali — apontou Érica, na mesma direção que eu encarava — Aquele é o seu alvo.

Olhei para o rapaz e sorri. Eu me senti quase como uma pessoa prestes a dar uma grande contribuição à caridade. O que ao mesmo tempo me fez me sentir mal. Não era porque o rapaz parecia totalmente deslocado, que deveria ser desprezado ou merecesse ser um brinquedo nas mãos de duas mulheres em guerra. Essa não era eu. E talvez ele até fosse um cara legal.

— Tudo bem, o juvenzinho de óculos e cara de nerd — murmurei, incerta.

— O quê? Aquela coisinha ali? — questionou Luana.

Ele era o cara mais estranho e deslocado que eu conseguia encontrar. Voltei a olhar na direção que Érica indicou. Só havia mais uma pessoa desacompanhada no bar. Como estávamos indo para mais da metade da noite, os casais já começavam a se formar ou as pessoas se reuniam em grupos.

— Não. Eu quero aquele ali — disse ela, dando-me um sorriso de orelha a orelha, e indicou um homem, aparentemente sozinho, no bar — De camisa branca e calça escura.

Meu olhar caiu sobre o homem de quem ela falava. Havia, no mínimo, umas quatro mulheres próximas a ele, tentando chamar a sua atenção, com uma dança mais sexy do que Rihanna e Shakira juntas.

— Com olhar de menino malvado — disse Érica em uma voz mansa, ao se

curvar em minha direção — Ele tem um ar de quem sabe o que fazer entre quatro paredes, não acha isso?

Fixei meu olhar nele e observei com mais atenção.

Homens de cabelos longos, mesmo que presos em um coque de samurai como ele usava, nunca foram meu fraco, mas nele parecia algo quase que obrigatório. Lembrava um viking das capas dos livros românticos, que via na banca do seu Zé, quando comprava revistas ao voltar da escola, quando adolescente.

— Por que ele? — a encarei, atônita.

Brian, meu ex-noivo, era um inglês charmoso e elegante. Algumas das minhas primas declaradamente sentiram inveja quando enviei vídeos e fotos a elas. Mas o homem que Érica queria que eu me aproximasse, ia muito além. Ele era pura sensualidade masculina. O homem mais bonito e atraente que coloquei os olhos essa noite. E existia algo nele que eu não sabia exatamente como definir. Força e magnetismo emanavam dele. E *sexy appel* deveria ser o seu nome. Definitivamente, ele não era alguém por quem a gente passasse duas vezes sem notar. Acho que nenhuma mulher seria imune.

Era *O Homem*!

— Ora, você acabou de chegar à cidade — disse Érica, com a voz inocente que eu sabia fazer parte de seu teatrinho — Considere como meu presente de boas-vindas.

Presente de boas-vindas? O que ela estava sedenta era por outra oportunidade de me humilhar. E, claro, havia mais uma vez me deixado levar pelas emoções e caído em seu jogo como uma patinha.

— Como você é um amor. Nesse caso, acho que não posso decepcioná-la — retribuí o sorriso falsamente gentil. Eu não iria me acovardar, não mesmo — Mas o que eu ganho se cumprir o desafio?

Afinal de contas, estava prestes a passar a maior vergonha da minha vida ao também ser dispensada por ele, como acontecia com as lindas mulheres que o cercavam.

— Prometo te deixar em paz por... — ela murmurou com um amplo sorriso — sei lá. Um mês?

Uma noite sendo deixada em paz por ela já era grande coisa, um mês, então...

Olho novamente para o meu alvo. Bíceps bem marcados pela camisa branca e um peitoral que indicavam que era alguém acostumado a cuidar do físico. Era musculoso, mas não tão exagerado como alguns dos bombados viciados em academia, que era a grande parte dos rapazes se exibindo na pista. Ele também era alto, concluí, quando uma garota, com quem eu havia cruzado no banheiro,

parou ao lado dele. Mesmo estando um pouco inclinado sobre o balcão, notei que passava uns bons centímetros de altura dela. E eu era quase uns dez centímetros mais alta que a garota.

Antes de retornar a minha atenção para Érica, compreendi a intenção dela. Com certeza achava que eu ainda fosse a garotinha ingênua e boba dos tempos de escola. Ela duvidava que um cara atraente como aquele pudesse olhar uma única vez para alguém como eu.

— Eu aceito — levantei, e antes de seguir em direção ao meu alvo, Luana saltou em minha direção.

Ela segurou o meu pulso e olhou na direção do homem.

— Gisele, deixa para lá. Ninguém está ligando para esse jogo adolescente mesmo.

Encarei minha amiga e fiquei desapontada pela sua falta de confiança em mim. Tudo bem que eu não fosse a mulher mais deslumbrante da balada, e que pelo menos duas das garotas desesperadas para chamar a atenção dele tivessem o corpo muito mais voluptuoso que o meu, mas eu também não era a versão ogro da Fiona.

Além disso, se quatro ou cinco mulheres bonitas não conseguiam chamar a atenção dele, certamente ele era gay. Sendo assim, poderíamos fazer um acordo divertido, eles geralmente tinham um ótimo senso de humor. Eu o livraria das mocreias ensandecidas e ele me ajudaria a ganhar aquele desafio. Ou o cara poderia ser um garoto de programa esperando uma cliente, havia muitos por ali. Nesse caso, poderíamos fazer um ótimo negócio. As opções eram inúmeras, mas eu não sairia daqui me sentindo arrasada e vencida.

— Não se preocupe comigo, Luana — tentei acalmá-la para que soltasse a minha mão — Vai ser divertido. Não posso sair daqui sem uma companhia esta noite, lembra?

Olhei novamente para o cara que agora estava meio de lado, ouvindo a ruiva que exigia atenção dele. Ele balançou a cabeça muito suavemente e voltou a atenção para a garrafa, como se fosse a coisa mais interessante na noite. Disse algo para a ruiva, que se afastou em seguida com um olhar desapontado.

Ah, ele *era* gay. Só podia. A ruiva tinha jeito de que não ligaria a mínima se precisasse pagar pelos serviços do cara. Sendo honesta, acho que eu até pagaria, dependendo de qual momento estivesse da minha vida.

— Mas, Gi, eu acho que ele é... — ela tentou voltar a segurar minha mão, mas consegui me desvencilhar antes.

Eu não era uma boa fisionomista, mas Luana parecia reconhecê-lo e ficar nervosa, então deveria ser alguém da nossa época de escola. Se bem que ele parecia bem mais velho. Com certeza não era um dos que já tivemos uma queda.

Deveria fazer parte dos garotos maus. Desses, aí, eu sempre mantive distância. Ele possuía mesmo um ar perigoso.

— Vai ficar tudo bem — sorri, um pouco mais aliviada, afinal, se o cara era alguém que já conhecíamos, eliminava a possibilidade de lidar com algum maluco ou psicopata.

— Gisele...

Os protestos dela foram abafados pela música alta, quando me afastei. Não sei se foram os vários drinques que tomei, ou meu rancor pela Érica, que me davam confiança para caminhar na direção do estranho no bar, mas em pouco menos de um minuto, me vi ao lado dele.

— Uma batida de morango, por favor — disse ao barman, antes de me escorar no balcão.

Meu desafio parecia ocupado, respondendo a alguma mensagem no celular. A forma como digitava, e as rugas formando linhas de expressão em sua testa, eram um alerta de que não estava sendo uma noite agradável para ele também. Sondei-o discretamente. De perto era ainda muito mais intrigante e atraente do que eu havia notado. E ele me fazia lembrar um pouco o ator Charlie Hunnam, de um seriado que gosto muito.

Girei minha bebida sobre o balcão e me dei conta de como era estúpida. Estava claro que um homem intrigante e atraente como ele não se interessaria por mim. E lá vinha meu passado conturbado com Érica tentando baixar a minha confiança.

— Você venceu mais uma vez, Érica — murmurei, antes de entornar o meu drink — Mais uma, por favor.

Não sei dizer se foi o meu ar derrotado ao pedir a bebida ou o barulho que fiz ao bater o copo sobre o balcão, a chamar a atenção dele, mas no instante seguinte, tinha seu olhar sobre mim. Senti um calafrio varrer todo meu corpo.

— Noite difícil? — ele se inclinou para que o ouvisse, e descobri que a voz era tão sexy quanto o seu dono.

Olhei-o abertamente agora. Cabelos castanhos, olhos que possuíam uma mistura que as luzes da casa não me permitiam identificar muito bem. Possuía um rosto de queixo quadrado e uma boca bem desenhada, que exibia um sorriso sexy.

Baixei um pouquinho o olhar, para admirar os músculos bem definidos.

Deus!

Definitivamente, nada menos que uma afronta ao restante da espécie masculina.

Putá merda!

Eu estava perdida.

^[1] Temos que nos agarrar ao que temos
Porque não faz diferença se conseguiremos ou não
^[2] Apenas uma garota do interior
Vivendo em um mundo solitário
^[3] Porque eu estou de volta! Sim, estou de volta
Bem, eu estou de volta! Sim, estou de volta
^[4] Eu, eu estava de pé. Você estava lá
Dois mundos colidiram. E eles nunca poderiam nos separar

^[5] É tradição receber o Papai Noel com alguma iguaria.

^[6] **Midnight Mass: Missa do galo.**

^[7] Percorri um longo caminho, agora estou de volta
Só um homem e sua vontade de sobreviver

^[8] Este Romeu está sangrando

Mas você não pode ver o seu sangue

^[9] Eggnog/Gemadinha é uma bebida alcoólica, ou um coquetel de origem estadunidense servida na ceia de natal, muito semelhante a gemada. É feita com rum ovos, leite e noz moscada.

^[10] Candy Cane: Bengala doce.

^[11] Oh, tocam os sinos, tocam os sinos, tocam por todo caminho...

^[12] Olhe nos meus olhos; Você verá o que você significa pra mim; Procure em seu coração, procure em sua alma; E quando você me achar lá; Não irá mais procurar

^[13] De vez em quando eu vejo seu rosto
Ela me leva para aquele lugar especial